

MESTRADO EM LINGÜÍSTICA  
Universidade Estadual de Campinas  
Instituto de Estudos da Linguagem

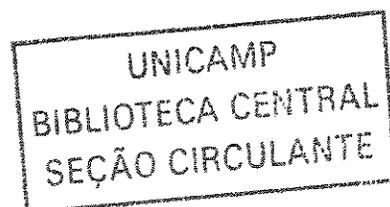
**O SÂNDI VOCÁLICO EXTERNO E OS MONOMORFEMAS EM  
TRÊS VARIEDADES DO PORTUGUÊS**

200330268

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Bernadete Marques Abaurre, Instituto de Estudo da Linguagem.

Brenda Silva Veloso



UNICAMP  
BIBLIOTECA CENTRAL

UNIDADE	BC
Nº CHAMADA	T/UNICAMP
	V546b
V	EX
TOMBO BCI	55841
PROC.	16-1224/03
C	<input type="checkbox"/>
D	<input checked="" type="checkbox"/>
PREÇO	R\$ 11,00
DATA	18/3/03
Nº CPD	

CM00188127-0

BIBID. 300825

## FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA IEL - UNICAMP

V546e

Veloso, Brenda Silva

A elisão de monomorfemas em casos de sândi vocálico externo em três variedades do português / Brenda Silva Veloso. - - Campinas, SP: [s.n.], 2003.

Orientadora: Maria Bernadete Marques Abaurre

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Lingüística. 2. Fonética - Fonologia. 3. Vogais. I. Abaurre, Maria Bernadete Marques. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

**BANCA EXAMINADORA**

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dra. Maria Bernadete Marques Abaurre (IEL/UNICAMP)  
Orientadora

\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Maria Filomena Spatti Sândalo (IEL/UNICAMP)

\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Luciani Ester Tenani (UNESP – São José do Rio Preto)

\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Charlotte Marie Chambelland Galves (IEL/UNICAMP)  
Suplente

Este exemplar e a redação final da tese  
defendida por Brenda Silva Veloso

\_\_\_\_\_  
e aprovada pela Comissão Julgadora em  
05/09/2003.

  
\_\_\_\_\_



*Fizeste-me conhecidos os  
caminhos da vida; com a tua  
face me encherás de júbilo.*

*Atos 2:28*

*À minha família*

UNICAMP  
BIBLIOTECA CENTRAL  
SEÇÃO CIRCULANTE

## **Agradecimentos**

À Deus, que me fortaleceu em momentos difíceis para que concluísse este trabalho no prazo devido;

À Fapesp (Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de São Paulo), pelo auxílio financeiro nesses dois anos de pesquisa;

À Profa. Maria Bernadete M. Abaurre, pela orientação e pelos ensinamentos teóricos;

Às Profa. Filomena Sândalo, pelas contribuições na qualificação e na defesa;

À Profa. Charlotte Galves, pela participação no exame de qualificação;

À Profa. Luciani Ester Tenani, por aceitar participar da defesa desta dissertação;

Aos meus pais, por acreditarem, antes de mim mesma, que eu poderia o que quisesse;

Às minhas irmãs, Thaís e Mohana. Mesmo longe, minha família. E, claro, minha florzinha Isa, que só por existir já me dá muita felicidade!!!

Às Meninas de Campinas, Cris, Cynthax, Jeh, Sissa e Calíope. Obrigada pela amizade, pelas conversas, por me aturarem tanto...

À Flaviane Romani, pela força e, principalmente, pela ajuda imensurável na hora de segmentar e medir os intervalos vocálicos do PE.

À Juliana Blanco, pela ajuda na transcrição de várias interações do *corpus* que motivou esta pesquisa;

Aos meus amigos...

Gladys, ouvinte disposta e paciente!

Priscilla, nunca esquecerei a “cartinha” que me mandou!

Melissa, Cecília, Aristeu, Fátima, Miriam, Yone, Reinaldo, Leila, e o mais recente amigo Juan, por me apoiarem nos meus momentos difíceis.

Edson, por me fazer perceber, nessas últimas semanas, que o amor nem sempre é absoluto, embora possa ser incondicional.

À professora-colega-amiga Mônica, que me incentivou a estudar Lingüística desde o meu primeiro ano na graduação, há algum tempo atrás...

Aos colegas de curso... Dionizio, Manoel, Mateus, Juliene, Patrícia, presenças constantes no primeiro ano aqui em Campinas, e a todos os outros que estiveram comigo nas disciplinas que cursei.

**ABSTRACT**

This thesis presents an analysis of final vowel syncope in cases of external vowel sandhi when that vowel is part of one syllable morphemes, observing three different varieties of Portuguese: Archaic, European and Brazilian Portuguese. The analysis showed a high frequency in the underapplication of the syncope sandhi rule when the vowel to be deleted is a one syllable morpheme. In order to investigate the reasons that block this post-lexical rule, we discuss some theoretical models, like Lexical Phonology, “Classical” Prosodic Morphology, Prosodic Morphology based on Optimality Theory, and Distributed Morphology. Finally, we conclude that prohibition of vowel syncope in cases of sandhi in monomorphemes can be better explained if we consider the underapplication of this rule as a result of prosodic constraints, instead of the result of the interaction of phonological and morphological rules.

**RESUMO**

O objetivo principal desta dissertação é analisar a elisão de monomorfemas em casos de sândi vocálico externo em três variedades específicas do português, a saber: no português arcaico, no português europeu e no português brasileiro. A partir da análise da elisão nessas três gramáticas, foi possível constatar uma frequência do bloqueio da elisão quando a primeira vogal (que deveria ser elidida) é um monomorfema. Através da discussão de modelos teóricos como a Fonologia Lexical, a Morfologia Prosódica Clássica, a Morfologia Prosódica baseada na Teoria de Otimalidade e a Morfologia Distribuída, tentou-se obter uma compreensão do fenômeno, chegando-se à conclusão de que seria mais plausível considerar o bloqueio da elisão como o resultado de restrições prosódicas, pela impossibilidade de se apagar um monossílabo, do que considerar o bloqueio como resultante da interação entre fatores fonológicos e morfológicos.

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	1
<b>1. O sândi vocálico externo nas gramáticas do português</b> .....	7
1.1 O sândi no português arcaico.....	8
1.2 Características do sândi no PB.....	14
1.2.1 Ditongação.....	22
1.2.2 Degeminação.....	27
1.2.3 Elisão.....	32
1.3 O português europeu e o sândi.....	38
1.3.1 Degeminação.....	38
1.3.2 Ditongação.....	40
1.3.3 Elisão.....	42
1.4 Resumo.....	45
<b>2. Os monomorfemas e o sândi vocálico externo</b> .....	49
2.1 Os monomorfemas no PA.....	50
2.2 Os monomorfemas e o sândi no PB.....	54
2.2.1 Ditongação.....	55
2.2.2 Degeminação.....	56
2.2.3 Elisão.....	57
2.3 O sândi e os monomorfemas no PE.....	61
2.3.1 Ditongação.....	62
2.3.2 Elisão.....	64
2.3.3 Degeminação.....	66
<b>3. Os monomorfemas e os modelos teóricos</b> .....	71
3.1 A elisão em monomorfemas e os modelos teóricos.....	77
3.1.1 Fonologia Lexical.....	77
3.1.2 Morfologia Prosódica “Clássica”.....	81
3.1.3 Morfologia Prosódica baseada na TO.....	84
3.1.4 Morfologia Distribuída.....	88
3.1.5 Discutindo a segunda hipótese.....	97
3.2 Degeminação: fusão ou apagamento?.....	100
<b>Conclusão</b> .....	109
<b>Referências Bibliográficas</b> .....	113
<b>Anexos</b> .....	119

## Introdução

Os processos de junção externa têm merecido um certo destaque nos estudos de Fonologia, por apresentarem questões interessantes sobre as interfaces. Kaisse (1985), Nespor & Vogel (1986) e Condoravdi (1990) por exemplo, analisam fenômenos em fronteira de palavra e sua relação com a sintaxe.

Esta pesquisa, mais particularmente, objetiva descrever e analisar os processos de sândi vocálico externo (ditongação, degeminação e elisão) envolvendo monomorfemas<sup>1</sup> em três

---

<sup>1</sup> Diferencia-se aqui monomorfemas de monossílabos: monomorfema é um morfema constituído de apenas um segmento. Portanto, a contração da preposição *de+a=da* contém dois monomorfemas, um que corresponde à preposição e outro que corresponde ao artigo. A preposição *para*, comumente pronunciada *pra* não é um monomorfema, mas um monossílabo. Essa

gramáticas específicas do português: português arcaico, português europeu e português brasileiro. A partir da análise dessas variedades, verificou-se a recorrência do bloqueio categórico da elisão em vogais que constituem monomorfemas, e buscou-se uma explicação do fenômeno em modelos teóricos distintos, sempre comparando o bloqueio nessas gramáticas do português.

Quanto ao aparato teórico adotado nesta pesquisa, levou-se em consideração que o sândi é um tipo de processo morfofonológico, o qual só pode ser explicado adequadamente quando se consideram fatos de natureza morfológica e prosódica.

Os trabalhos de Bisol (1992, 1996a, 1996b, 1999 e 2000) têm uma importância fundamental para a descrição e análise do sândi vocálico externo no português brasileiro. De acordo com tais estudos, o sândi é visto como um processo de ressilabação, que envolve dois itens lexicais sob o domínio do mesmo enunciado, e que “produzem como resultado final a elisão, a ditongação ou a degeminação” (Bisol, 1996a: 167).

---

distinção foi estabelecida conforme critérios intuitivos e, no capítulo 3, apresenta-se uma discussão sobre a constituição do monomorfema, que pode nos levar a uma definição mais apropriada do termo.

A elisão diz respeito ao apagamento de vogais em posição não-acentuada de final de item lexical, quando o item seguinte começa por vogal de qualidade diferente, enquanto a ditongação é um processo de formação de ditongos com a vogal final de um item lexical e a inicial de outro. A degeminação consiste na fusão de duas vogais idênticas, controlada pelo Princípio do Contorno Obrigatório, o qual proíbe seqüência de segmentos idênticos e resume em apenas um nó raízes de traços idênticos.

Os trabalhos de Abaurre (1996) e Abaurre *et alii* (1999) trataram da interação entre os processos de sândi, especificamente degeminação e elisão, e a interface fonologia-sintaxe. O ponto mais relevante desses trabalhos para esta pesquisa diz respeito ao bloqueio dos dois processos fonológicos mencionados acima quando a segunda vogal é portadora de acento. Os artigos citados argumentam que o acento de frase fonológica é que bloqueia a degeminação e a elisão, e não o acento de palavra.

A literatura sobre o sândi, mais especificamente Bisol (2000), faz referência a casos de sândi em monomorfemas, mostrando que quando o primeiro vocábulo é um monomorfema, há sempre o bloqueio da elisão, mas não da degeminação. Bisol

indica que o bloqueio de tal processo talvez seja em decorrência de uma interação entre morfologia e prosódia, mas não discute essa possibilidade.

Optou-se, então, por discutir a relação entre esses processos e a morfologia, assunto ainda não satisfatoriamente explicado nos estudos do sândi, por ser um fenômeno muito recorrente nos *corpora* analisados. Dessa maneira, discutir-se-á a relação entre o sândi e a morfologia, a fim de que se possa, no final deste trabalho, obter uma caracterização do fenômeno sob uma perspectiva ainda não explorada.

A investigação do bloqueio da elisão de monomorfemas no português arcaico foi realizada a partir de dois estudos de Massini-Cagliari (1999b e 2001), nos quais a autora analisou exclusivamente processos de juntura vocabular. Para a análise do português europeu, foram analisados dados de dois *corpora* específicos, frutos do Projeto de Pesquisa Padrões Rítmicos, Fixação de Parâmetros e Mudança Lingüística, além de exemplos fornecidos por Mateus & d'Andrade 2000 e Frota 2000.

Em relação ao português brasileiro, foi utilizado um *corpus* de língua falada de diálogos entre profissionais de Ciências

Agrárias e homens do campo no interior de Goiás, o qual motivou, num primeiro momento, esta pesquisa<sup>2</sup>.

Esta dissertação encontra-se dividida da seguinte maneira: no Capítulo 1 estão apresentadas as características principais do sândi nas três variedades do português enfocadas na pesquisa e o Capítulo 2 descreve o sândi envolvendo monomorfemas nessas três gramáticas.

O Capítulo 3 intenta discutir teoricamente os aspectos do bloqueio da elisão dos monomorfemas, buscando uma explicação para o fenômeno em teorias como a Morfologia Prosódica Clássica (Marantz 1982, McCarthy & Prince 1986, 1995 e Steriade 1988, entre outros), Morfologia Prosódica baseada na Teoria da Otimalidade (Kager 1999) e também segundo a Morfologia Distribuída (Halle & Marantz 1993, Bobaljik 1995), além de apresentar uma discussão sobre a degeminação e seu caráter distinto/semelhante com relação à elisão. Finalizando a dissertação, são expostas as conclusões alcançadas com este trabalho.

---

<sup>2</sup> Cf. Veloso 1999, 2000 para maiores detalhes dos *corpora* investigados.

## **I. O sândi vocálico externo em três variedades do português**

O objetivo deste primeiro capítulo é apresentar as características do sândi vocálico externo em três gramáticas específicas do português, a saber: português arcaico, português brasileiro e português europeu, de acordo com estudos fonológicos já realizados sobre essas três variedades lingüísticas.

Segundo as pesquisas de Galves (2001), o português europeu e o português brasileiro são duas gramáticas distintas. A partir da análise sintática dessas duas línguas sob a perspectiva da Gramática Gerativa (Chomsky 1981, 1986, 1993 e

1995), Galves demonstra que a competência gramatical<sup>1</sup> dos falantes nativos portugueses e brasileiros não é idêntica. A autora explicita que a gramática de uma língua associa estruturas a enunciados e, se duas línguas têm gramáticas diferentes, enunciados superficialmente idênticos podem ter estruturas distintas.

Tomando essas afirmações como legítimas, segue a descrição do sândi vocálico externo em três gramáticas do português: português arcaico (PA), português europeu (PE) e português brasileiro (PB), com a finalidade de verificar as semelhanças e diferenças entre tais processos.

### **1.1 O sândi no português arcaico**

De acordo com Massini-Cagliari (1999a), o português arcaico (PA) está representado hoje por textos escritos correspondentes às primeiras manifestações em uma língua diferente do latim, apesar de derivada dele, dada a

---

<sup>1</sup> De acordo com Galves, a competência gramatical é o resultado da fixação dos parâmetros da gramática universal, e a competência lingüística integra muitos outros saberes lingüísticos.

impossibilidade de conservação de manifestações orais referentes a esse período. Apesar de haver controvérsias quanto à periodização exata do período arcaico, Massini-Cagliari aponta que seu início coincide com a época do reinado de Sancho I (1185 – 1211). O início do período é aceito com unanimidade por parte dos estudiosos, bem ao contrário do que ocorre com a delimitação do seu fim. Massini-Cagliari indica que, de maneira geral, o período se situa entre os séculos XIII e XV.

Para verificar os aspectos do sândi vocálico externo nesse período, recorreremos ao estudo de Massini-Cagliari para encontrar as características desse fenômeno conforme refletidas nos textos poéticos escritos em tal época.

Dado que o sândi é um fenômeno de língua falada, um *corpus* escrito não traz muitas pistas sobre como eram proferidos os encontros de vogais em vocábulos adjacentes, sendo praticamente impossível analisar o sândi apenas com os textos poéticos<sup>2</sup>. No entanto, ao ter acesso a informações de estudos que se referem a como os versos eram pronunciados, podemos

---

<sup>2</sup> Apesar das diferenças existentes entre língua falada e poesia, considera-se, aqui, que muitos dos fenômenos que aparecem na escrita das composições poéticas podem refletir processos que teriam ocorrido na fala da época. Se não fosse assim, análises fonético-fonológicas de sistemas como o português arcaico não seriam possíveis.

ter um quadro geral de como se dava a juntura externa de vocábulos no período sob enfoque.

Massini-Cagliari afirma que o período arcaico costuma ser subdividido pelos estudiosos em dois períodos, o período trovadoresco e período da prosa verdadeiramente nacional. Com relação ao segundo período, não há consenso entre os autores sobre o seu fim, como foi explicitado anteriormente. As características apontadas a seguir referem-se ao período trovadoresco, objeto de investigação de Massini-Cagliari.

Apontando estudos de Michaëlis de Vasconcelos (1912-1913), Massini-Cagliari (1999a: 53) apresenta algumas características dos encontros vocálicos, a saber: vogal antes de vogal se elide, a não ser que uma delas seja ditongo ou vogal fortemente acentuada, ou que haja pausa entre as duas; não há elisão quando as duas vogais consecutivas são idênticas, mas crase, resultando em vogal alongada; não há elisão quando as vogais são do tipo que formam ditongo crescente, há sinalefa, ou seja, ditongação.

Massini-Cagliari (1999a: 54) afirma, baseando-se em Nunes (1969), que a elisão era a regra geral em encontro vocálico de vocábulos diferentes. Cunha (1961), por sua vez, esclarece

que não havia repugnância ao hiato, embora houvesse inclinação a elidir a vogal do encontro quando esta fosse átona.

Outras características apontadas por Cunha são que a elisão estava condicionada ao ritmo do verso e poderia ser restringida por fatores fonéticos, fonêmicos e morfológicos; a vogal final átona dos polissílabos perdia-se com mais frequência que a dos monossílabos; e a sinalefa era aparentemente rara.

Massini-Cagliari (2001) analisa cem cantigas de amor e de amigo, sendo que cinquenta foram tiradas do Cancioneiro da Ajuda (CA) e as cinquenta cantigas restantes do Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa (CBN). Segundo o estudo da pesquisadora, a ditongação só aparece com o monossílabo *mi*<sup>3</sup>; a elisão de /a/ acontece com pouca frequência, em 3.89% dos casos, e essa vogal é suprimida, na maioria das ocorrências, antes de uma outra vogal /a/; as vogais /e/ e /o/ átonas, por outro lado, podem ser elididas diante de vogais de qualquer qualidade, sendo que a maior parte das elisões ocorrem diante de vogais anteriores. Veja os exemplos abaixo (exemplos (2a) e (2c) no original):

---

<sup>3</sup> Os exemplos da ditongação encontram-se no próximo capítulo, por ser esse dedicado, exclusivamente, à observação do comportamento dos monossílabos em relação ao sândi.

(1) Cuydades muyta miga la morar (CBN)

muit'amig'alá: muito + amiga + alá

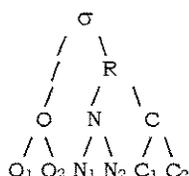
(2) Madre quero geuyr ueer (CBN)

quer'oj'eu: quero + oge + eu

As restrições para o desencadeamento da elisão são rítmicas (vogais tônicas não são elididas) e fonotáticas. No que diz respeito às restrições fonotáticas, a rima<sup>4</sup> da sílaba final da primeira palavra tem que ter apenas uma posição preenchida e o onset (ou ataque) da sílaba precisa estar preenchido por uma ou mais consoantes.

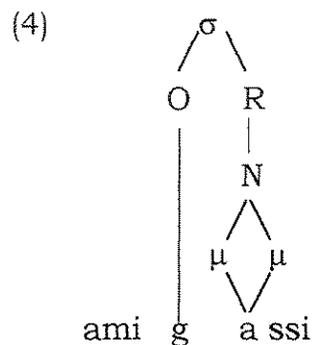
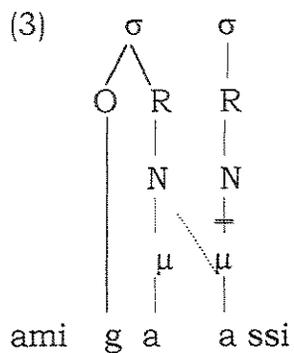
De acordo com Massini-Cagliari (1999b), a elisão da vogal /a/ diante de uma vogal de mesma qualidade verificada nos textos analisados no CBN é distinta do processo de degeminação que ocorre no português brasileiro. A autora considera que as moras<sup>5</sup>, correspondentes a cada uma das vogais que se fundem,

<sup>4</sup> Massini-Cagliari (2001) adota o modelo de estrutura silábica de Selkirk (1980), em que  $\sigma$ =sílaba; R=rima; O=onset; N=núcleo; e C=coda:



<sup>5</sup> Com a finalidade de captar diferenças entre os segmentos da rima e do onset, Hyman (1985) e Hayes (1989) propuseram um nível de estrutura intermediário entre os segmentos e a sílaba, em que as moras constituem

se mantêm após a aplicação do processo, conforme as representações abaixo.



Dessa forma, tal processo seria melhor caracterizado como crase – o desligamento do núcleo da sílaba inicial da segunda palavra seguido da sua reassociação ao núcleo da sílaba precedente.

Expostas as características gerais dos processos de junção de itens lexicais no PA, passa-se agora a resumir os aspectos de tais processos no português brasileiro.

---

unidades de peso silábico na representação, às quais a estrutura métrica se refere (cf. também Hayes 1995).

## 1.2 Características do sândi no PB

As principais características do sândi no português brasileiro (PB) destacadas nos trabalhos de Bisol (1992, 1996a, 1996b 1999, e 2000), Abaurre (1996), Abaurre *et alii* (1999) e Tenani (2002) constituem o ponto de partida para a análise da elisão dos monomorfemas no português brasileiro.

O sândi vocálico externo é, de acordo com Bisol, um processo de ressilabação, que envolve dois itens lexicais sob o domínio do mesmo enunciado, e que produzem como resultado final a elisão, a ditongação ou a degeminação.

A **elisão** diz respeito ao apagamento de vogais em posição não-acentuada de final de item lexical, quando o item seguinte começa por vogal de qualidade diferente (*camisa usada*, por exemplo, pode ser pronunciada como dois itens lexicais [#ka'miza # u'zada#], ou como um só vocábulo fonológico [ka,mizu'zada]), enquanto a **ditongação** é um processo de formação de ditongos com a vogal final de um item lexical e a

inicial de outro (o exemplo acima também pode ser pronunciado como [ka,mizaw'zada])<sup>6</sup>.

A **degeminação**, por sua vez, consiste na fusão de duas vogais idênticas, controlada pelo *Princípio do Contorno Obrigatório* (PCO), o qual proíbe seqüência de segmentos idênticos e resume em apenas um nó raízes de traços idênticos (como em *casa amarela* /#'kaza # ama'rela#/), seqüência que pode ser pronunciada separadamente ou como um único vocábulo fonológico [#kazama'rela#]).

O sândi vocálico externo, de acordo com Bisol (1996b), resulta de um processo de ressilabação motivado pelo choque de dois picos silábicos e é governado por princípios universais, como o Princípio de Licenciamento Prosódico, o Princípio da Sonoridade Seqüencial, e também a regra universal de Apagamento do Elemento Extraviado<sup>7</sup>.

---

<sup>6</sup> Adotou-se, aqui, os símbolos para semivogais utilizados em pesquisas do português brasileiro: [w] para a semivogal posterior, alta e arredondada e [y] para a semivogal anterior alta não-arredondada (cf. Bisol 1996b).

<sup>7</sup> De acordo com o Princípio de Licenciamento Prosódico (Itô 1986), todas as unidades fonológicas devem pertencer a unidades prosódicas mais altas. O Princípio da Sonoridade Seqüencial dirige a formação silábica, exigindo que o onset apresente sonoridade crescente no onset e decrescente na coda. A regra Apagamento do Elemento Extraviado, por sua vez, apaga todo elemento sem status silábico (cf. Bisol 1996b).

Bisol (1996b) levanta alguns aspectos sobre a estrutura da sílaba que são relevantes para o entendimento da operação de ressilabação envolvida no sândi. Em seguida, a pesquisadora fala da importância da identificação de picos de sonoridade segundo a escala de sonoridade proposta por Clements (1989) para a desestruturação silábica e a posterior ressilabação.

Um ponto destacado por Bisol (1992) é o papel do acento lexical na permissão/bloqueio do sândi. De acordo com a pesquisadora, a degeminação e a elisão não se aplicam quando a segunda vogal da seqüência porta acento primário. Por outro lado, *uma segunda V com acento pode ficar sensível ao processo se esse acento for perdido ou convertido em secundário por extensão da unidade prosódica* (p. 87), conforme os exemplos abaixo, retirados de Bisol 1996b:

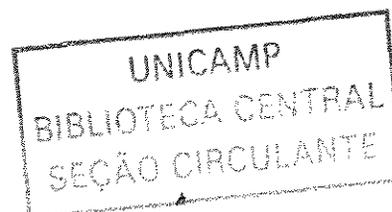
- |                                  |                 |
|----------------------------------|-----------------|
| (5) Eu como <b>u</b> vas         | (sem aplicação) |
| (6) Eu como <b>u</b> vas maduras | (com aplicação) |

Segundo Bisol (1996b), outro aspecto importante a ser considerado no estudo do sândi é o sistema vocálico do português, que é constituído por sete vogais que ocupam a

posição tônica /a, e, ε, i, ɔ, o, u/. Essas vogais sofrem neutralizações que reduzem a pauta pretônica a cinco /a, e, i, o, u/, enquanto a átona final, sujeita a mais reduções, fica restringida a variantes de três vogais /a, e, o/, geralmente realizadas foneticamente como [a, i, u], respectivamente.

No contato de duas sílabas de palavras diferentes, como ocorre no sândi externo, uma das quais pertence à pauta postônica, relativamente mais fraca, e a outra, à pretônica, relativamente mais forte, Bisol (1996b) afirma que a mais fraca é perdida (universal lingüístico). Dessa forma, o desaparecimento de uma sílaba e a posterior ressilabação dos elementos flutuantes que passam a ser agregados à sílaba remanescente constituem etapas gerais do sândi externo.

Bisol (1996b) adota o Princípio do Licenciamento Prosódico de Itô (1986), segundo o qual todas as unidades fonológicas devem ser prosodicamente licenciadas para serem identificados lingüisticamente, e a hierarquia prosódica proposta por Nespor & Vogel (1986): sílaba < pé < palavra fonológica < grupo clítico < frase fonológica < frase entonacional < enunciado.



Segundo Bisol (1996b), o nível mais baixo dessa escala em que o sândi pode ocorrer é o grupo clítico (C). As regras de sândi externo encontram no grupo clítico um contexto favorável de aplicação, como se o clítico fosse uma palavra independente, começando a se manifestar nesse nível. Quando o sândi ocorre entre os dois elementos de um grupo clítico, a reestruturação silábica os converte em uma só palavra fonológica.

No que diz respeito à aplicação do sândi entre Enunciados, Bisol (1996b) retoma alguns requisitos apresentados por Nespor & Vogel (1986) que devem ser observados na reestruturação dos enunciados (Us) para que ocorra sândi:

**- Condições Pragmáticas**

- a) As duas sentenças devem ser pronunciadas pela mesma pessoa.
- b) As duas sentenças devem ser dirigidas a um mesmo interlocutor.

**- Condições Fonológicas**

- a) As duas sentenças devem ser relativamente curtas.
- b) Não pode haver pausa entre as duas sentenças.

As regras de sândi podem ser aplicadas, desde que satisfeitos os contextos, dentro de constituintes e entre eles, em todos os níveis da hierarquia prosódica em que se sucedam duas palavras fonológicas. Sob o domínio de unidades maiores do que a palavra fonológica (C a U), é controlado pelo Princípio da Proeminência Relativa, que o bloqueia, quando se trata da degeminação e da elisão (processos de enfraquecimento), mas deixa livre para a ditongação (processo de fortalecimento).

Bisol (1996a) assume que o português é sensível ao peso silábico, ao choque dos acentos e ao choque de núcleos silábicos em fronteira vocabular. Assim, quando dois núcleos silábicos de palavras diferentes entram em choque, um deles é perdido, levando consigo os nós por ele projetados e a sílaba que o domina.

A autora afirma que, se a primeira palavra acabar em vogal, núcleo da sílaba, e a outra começar por vogal, e essas sílabas não estiverem protegidas por acento ou pausa, o choque provoca a perda do primeiro núcleo e, conseqüentemente, da primeira sílaba. A ressilabação age conforme as regras de silabação, dando procedência à afiliação de consoantes que vão formar o ataque.

A partir da observação do bloqueio de processos como degeminação e elisão no sândi vocálico, Abaurre (1996) discute a relação entre esse bloqueio e o acento principal de frase fonológica. A pesquisadora argumenta que, mesmo respeitadas as restrições impostas pelo acento lexical, ainda há um contexto específico em que a degeminação e a elisão são bloqueadas categoricamente, quando a segunda vogal da seqüência é portadora de acento nuclear no nível da frase fonológica.

Focalizando o bloqueio categórico dos processos mencionados acima, Abaurre argumenta que o mesmo se dá pelo fato de o acento primário, que foi atribuído no componente lexical, ser interpretado também pós-lexicalmente (acento frasal), por ser portador de informação sintática. O bloqueio preservaria, então, *contextos estruturais portadores de informação sintática como a direção dos encaixamentos, na língua* (Abaurre 1996: 50).

Abaurre, Galves & Scarpa (1999) enfocam a relação entre o bloqueio das regras de sândi na fala adulta e infantil e o acento frasal, com a finalidade de esclarecer questões relativas à interface fonologia-sintaxe, segundo a organização de gramática proposta pelo Programa Minimalista (Chomsky 1993 e 1995), e

também de fornecer evidências para uma hipótese top-down do processo de aquisição da linguagem.

Da mesma forma que Abaurre (1996), as autoras tomam o bloqueio do sândi como uma tendência a preservar a estrutura fonológica que porta informação sintática, além de defender que tanto os domínios prosódicos como a grade métrica resultam da interpretação da interface fonológica (FF) de base sintática e morfológica.

Tenani (2002), com a finalidade de verificar a relação entre a estrutura prosódica do português brasileiro e do português europeu, procura por evidências dos domínios prosódicos no português brasileiro e busca também caracterizar a relação entre entoação e domínios prosódicos, analisando também processos de sândi externo em ambientes acentuais que favoreçam a aplicação dos mesmos.

O ponto do trabalho de Tenani (2002) que é de importância fundamental para esta pesquisa é a constatação de que nenhuma fronteira prosódica bloqueia o sândi em PB, mas o fato do acento de  $\phi$  portar uma informação sintática relevante para a língua pode ser uma explicação para o bloqueio do sândi, como havia atestado Abaurre (1996). Como conclusão dessa parte do

trabalho que trata dos domínios prosódicos e dos processos segmentais em português brasileiro, a pesquisadora afirma que os processos de junção se aplicam em todas as fronteiras prosódicas e que apenas a pausa bloqueia esses processos.

Passo agora a resumir o processo de ressilabação, a partir do choque silábico em cada um dos processos fonológicos envolvidos no sândi, conforme Bisol (1996b).

### **1.2.1 Ditongação**

Como explicitado anteriormente, a ditongação é um dos processos de sândi, e consiste em manter a vogal de maior grau de sonoridade na posição nuclear preservada, em se tratando de vogais de alturas diferentes. Se apenas a primeira vogal for alta, ela converte-se em glide pelo simples fato de ser agregada à única posição do molde silábico disponível, que é a de soante, como ramificação do ataque.

Se a segunda vogal for alta, ela será desalojada para a posição de coda em favor do núcleo de sonoridade maior, e, quando ambas as vogais são altas, a da direita é preservada em função da ressilabação em fronteira vocabular. Veja os exemplos

retirados de um *corpus* de diálogos entre homens do campo e profissionais de Ciências Agrárias<sup>8</sup>:

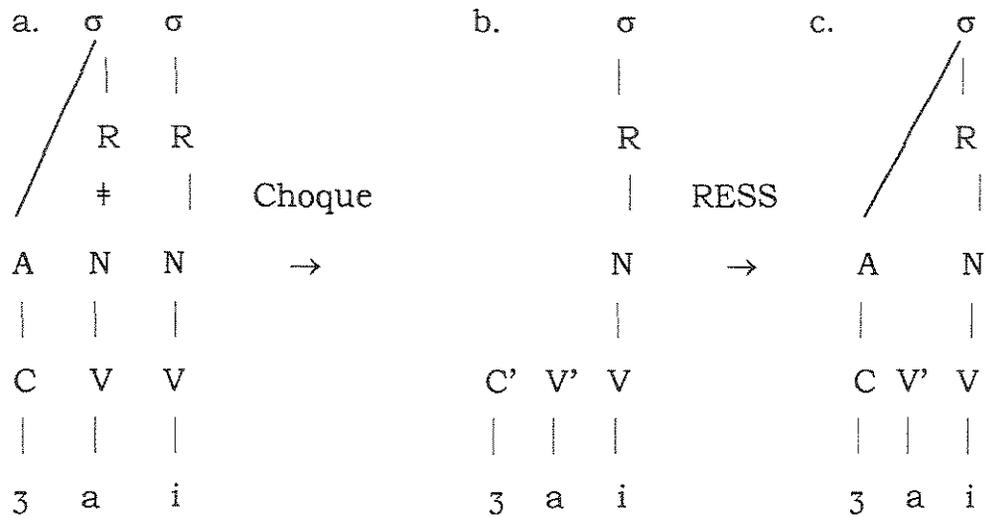
- (7) “já entregou” [ʒaỹtre'go]  
 (8) “onde (v)ocês” [õdʒyo'seys]  
 (9) “que a média geral” [kya,mɛdyaʒe'raw]  
 (10) “para esperar” [ˌpraɪspe'ra]  
 (11) “que o senhor” [kyusi'ɲor]

Nos dados acima relacionados, verifica-se a junção de vogais com diferentes alturas (**a/i** e **i/a**), ou alturas semelhantes (**e/o**) que realizam-se como (**i/u**), respectivamente, quando em posição átona final. O resultado é sempre um ditongo, o qual pode ser decrescente, em (7) e (10), ou crescente, em (8) e (9). Tomemos o exemplo (7) para detalhar o processo de ressilabação que conduz à ditongação:

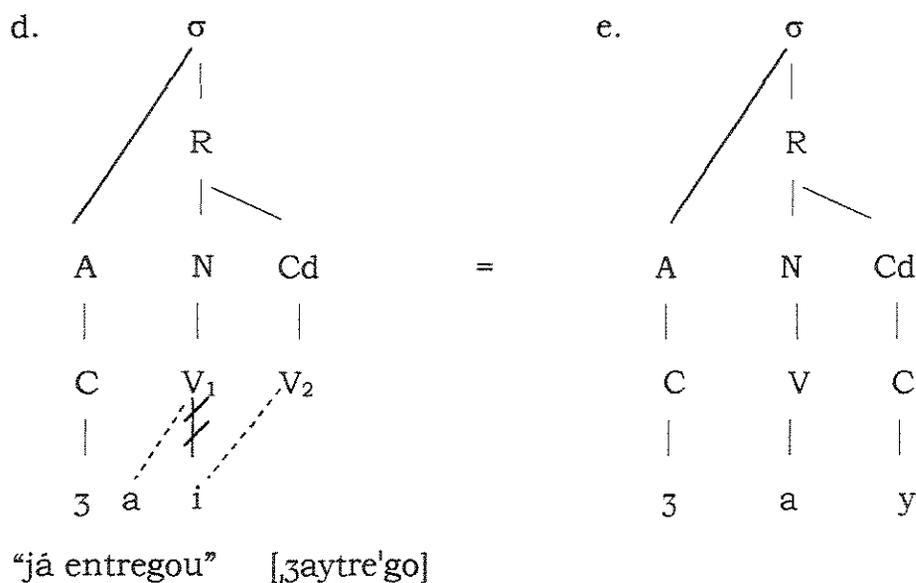
---

<sup>8</sup> A utilização do *Corpus* de Língua Falada de Diálogos entre Homens do Campo e Profissionais de Ciências Agrárias no Estado de Goiás deve-se ao fato de que a análise de tal *corpus* (primeiro objeto de investigação desta pesquisa) revelou homogeneidade em relação às descrições do fenômeno realizadas para o PB padrão. Para maiores detalhes de tal *corpus*, cf. Veloso 1999, 2000.

(12)



Em (12a), o choque provoca o desaparecimento da primeira sílaba, deixando flutuantes C'V' com seus respectivos segmentos, em (12b). Em (12c), a ressilabação opera, incorporando a consoante ao núcleo preestabelecido, quando se forma o padrão básico CV. A ressilabação volta em (12d) para licenciar V', de acordo com o Princípio do Licenciamento Prosódico.



Como  $V_1$  carrega um segmento mais sonoro que  $V_2$ , aquele será o pico da sílaba que vai ser anexada. Então, o Princípio da Sonoridade Seqüencial (PSS) faz com que /i/ fique na posição de C, reservando a posição de núcleo para /a/. Na nova posição, /i/ converte-se automaticamente em glide (12e) e o ditongo se forma.

No que diz respeito ao acento lexical, apenas seqüências de vogais acentuadas não permitem a aplicação da ditongação, devido ao choque acentual. Em todas as outras combinações, átona + acentuada, acentuada + átona e átona + átona, a ditongação é possível.

**Átona + átona**(13) vinte **animais**...(14) esse **aqui****átona + acentuada**(15) hoje **é** fácil(16) que **às** vezes...**Acentuada + átona**(17) mandá **entregá**(18) marcá **o** lugar**acentuada + acentuada<sup>9</sup>**(19) \*vi **ele**(20) \*pra mandá **isso**

Para haver ditongação, a primeira restrição sobre a qualidade das vogais é que uma das vogais seja alta. Considerando a pauta de vogais pré e postônicas no português brasileiro, encontramos as seguintes seqüências:

**/i/ + V**(21) essa parte **eu**(22) à noite **eu**...**/u/ + V**(23) **o** inventário(24) ...**do** ano**V + /i/**(25) quarenta **e** quatro(26) já **entregou****V + /u/**(27) marcá **o** lugar(28) tirá **o** leite

---

<sup>9</sup> O asterisco presente nos exemplos indica que tal seqüência não apresenta sândi no corpus.

**/i/ + /u/**

(29) teve **u**m custo...

(30) porque **o** senhor

**/u/ + /i/**

(31) custo **e**m dinheiro

(32) **o** inox

Com base nos exemplos acima, constata-se que a ditongação pode ser aplicada desde que uma vogal da seqüência seja alta e sejam respeitadas as restrições sobre o acento lexical e frasal. No que diz respeito à morfologia, a unidade morfológica que faz parte de um vocábulo fonológico, constituída de apenas uma vogal, é menos atingida, mas esse contexto não causa o bloqueio do sândi. Em vocábulos maiores, a aplicação da ditongação não está condicionada às características morfológicas da vogal que passa pelo processo.

### **1.2.2 Degeminação**

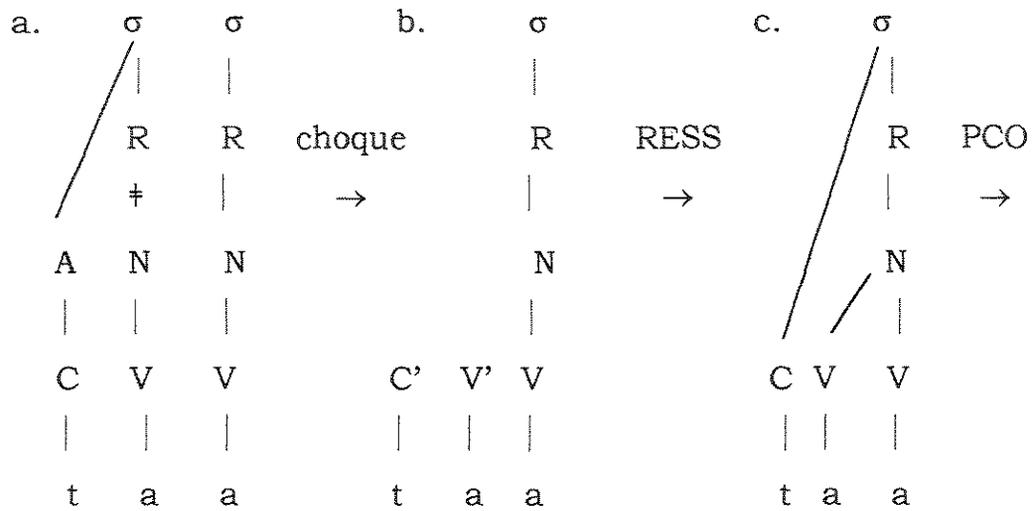
Segundo Bisol (1996b), a degeminação é desencadeada pela junção de qualquer seqüência de vogais idênticas, em que o choque de núcleos silábicos provoca a dissilabação e a atuação do PCO (Princípio do Contorno Obrigatório), que proíbe segmentos adjacentes idênticos no nível melódico. Dessa forma,

para os dados observados no *corpus* de diálogos entre profissionais de Ciências Agrárias e homens do campo goianos, temos:

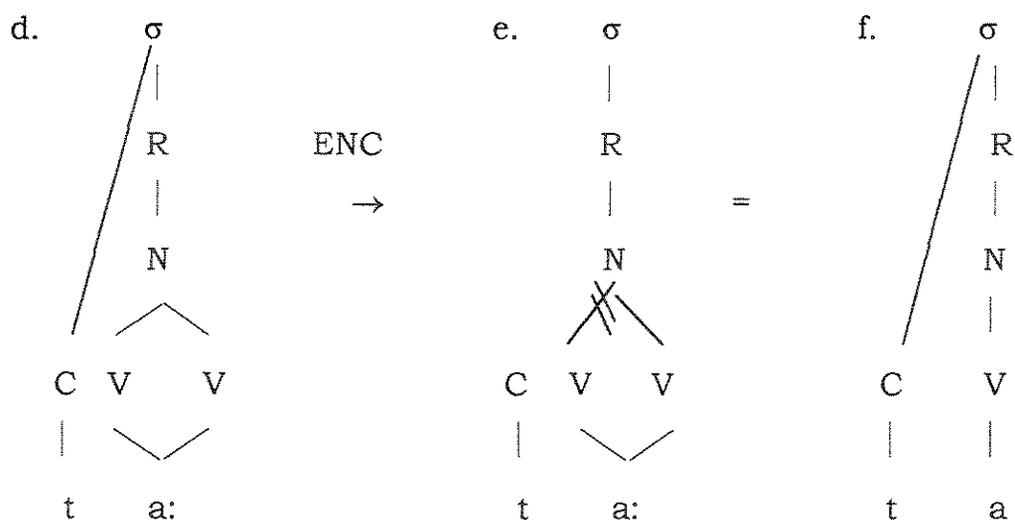
- (33) “vinha **a**manhã”      [vĩŋ**a**mə'ɲə]
- (34) “pega **a** camisa”      [pɛg**a**'kɐmizɐ]
- (35) “foi **e**m bora”      [foɣ̃**'**bɔrɐ]
- (36) “deixa **a**ssim”      [dɛʃ**'**ə'si]
- (37) “senta **a**í”      [set**'**ɐ'i]

Em todos os exemplos supracitados há uma fusão de duas vogais de mesma qualidade (**a/a**, **i/i**) e que estão em posição átona, por atuação do PCO após o processo de ressilabação. O processo como um todo pode ser explicitado com o exemplo (37).

(38)



Quando duas vogais com as mesmas características se encontram, o choque nuclear (38a) que dá início ao processo de sândi apaga a primeira sílaba e, depois de formar o ataque (38c), a ressilabação junta as duas vogais na rima subsistente.



As duas vogais passam, a partir daí, a ter apenas uma representação no nível melódico, pois a seqüência de vogais idênticas é proibida pelo Princípio do Contorno Obrigatório (38d). A seguir atua uma regra de encurtamento, reduzindo as duas vogais a uma só (38e).

Como a hierarquia prosódica e a distinção entre categorias lexicais e funcionais não causam o bloqueio do sândi, para examinar a degeminação olha-se somente para o acento, já que as vogais devem ser necessariamente idênticas.

**Átona + átona**(39) vinha **a**manhã(40) de **e**ntregá(41) mais cedo **o** **o** senhor...(42) linha **a**zul**átona + acentuada**(43) máxi**m**o **u**ma hora(44) \***e**ra **á**gua**Acentuada + átona**(45) lev**á** **a**quela(46) **l**á **a**trás**acentuada + acentuada**(47) \***é** **e**ssa ordenhadeira(48) \***tá** **a**lto

Os dados do *corpus* confirmam a preferência da aplicação do sândi em contextos nos quais ambas as vogais são átonas. É visível a frequência<sup>10</sup> com que os processos de sândi são desencadeados nessas seqüências e, por outro lado, a dificuldade de se encontrar exemplos com determinados padrões acentuais, como a degeminação em ambientes com duas vogais acentuadas num *corpus* como o que está sendo analisado, de fala espontânea.

---

<sup>10</sup> O universo de dados considerado aqui é de aproximadamente 6 horas de gravação, retirados do *corpus* de língua falada de diálogos entre profissionais de Ciências Agrárias e homens do campo no nterior do Estado de Goiás, mencionado anteriormente.

Os exemplos (43) e (44) demonstram seqüências em que a segunda vogal é portadora de acento. Em (43), o acento é lexical mas não frasal, desencadeando o sândi, e em (44) há o bloqueio pelo fato de a segunda vogal ser portadora dos dois tipos de acento, frasal e lexical.

### 1.2.3 Elisão

O processo de elisão também tem como ponto de partida uma rejeição à seqüência imediata de dois núcleos silábicos de vocábulos diferentes e, segundo Bisol (1992), apresenta tendência à aplicação categórica diante de /o/ e /u/. Alguns exemplos retirados do *corpus*:

(49) “outubro **a** setembro” [o,tubr**ase**'tebru]

(50) “sessenta **e** oito” [se,se**ti**'oytu]

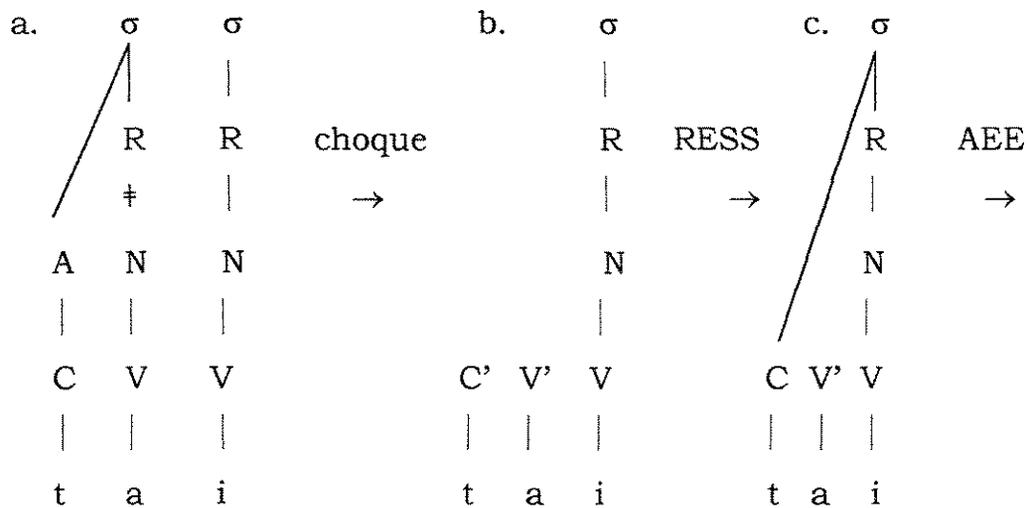
(51) “trinta **e** dois” [,trĩti'doys]

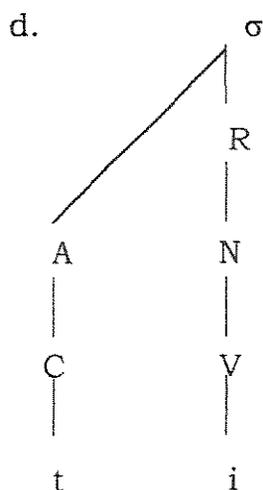
(52) “gráfico**o** **a**qui” [,grafika'**ki**]

(53) “tin**ha** **u**ma receita” [,tĩj**um**axe'seyta]

Segundo Bisol (1996b), na elisão, o choque provoca a desassociação de um pico silábico e o conseqüente desaparecimento da sílaba que o domina, deixando flutuantes C' e V' com seus segmentos ligados – o que desaparece é a unidade abstrata mais profunda  $\sigma$ , projetada pelo pico silábico; os elementos desassociados não são apagados, mas ficam flutuantes até o fim da derivação, quando serão apagados se não tiverem sido incorporados a uma sílaba.

(54)





“trinta e dois” [triti'doys]

Após o choque (54b), a ressilabação é imposta pelo Princípio do Licenciamento Prosódico (54c), juntando-se ao pico silábico preexistente a consoante flutuante, para formar a sílaba básica CV, de acordo com o Princípio de Sonoridade Seqüencial. Com um segmento ligado, V' não está licenciado, o que faz com que o Princípio do Licenciamento Prosódico assegure a aplicação do Apagamento do Elemento Extraviado, de acordo com o qual segmentos não licenciados são apagados. O apagamento da vogal extraviada resulta na elisão (54d), que é uma consequência natural do processo de ressilabação, guiada por princípios universais da Teoria Fonológica.

Os exemplos de (55) a (58) apresentam as características do sândi com relação ao acento lexical. (55) é constituído por uma seqüência de vogais átonas, ambiente mais propício ao sândi. Os dados de (56) a (58) contêm ao menos uma vogal acentuada, em que o sândi não ocorreu.

- (55) vamo **o** andá [vãmã'da]  
 (56) vida **ú**til \*[vi'dutil]  
 (57) tirá **o** leite \*[tiru'leite]  
 (58) pegá **o**s dado \*[pegus'dado]

Bisol (1992) observou que, para haver elisão, a primeira vogal necessariamente tem de ser átona. Abaurre (1996), conforme explicitado em capítulo anterior, aponta que o sândi ainda poderá ser desencadeado se a segunda vogal não for também portadora de acento de frase fonológica, quando a mesma é portadora de acento lexical. Como o acento frasal recai, por exemplo, em (56), o sândi é bloqueado.

Quanto à qualidade das vogais envolvidas, foram encontrados os seguintes padrões<sup>11</sup>, em que só não houve elisão nas sequências marcadas com asterisco (\*):

**a + V <pos>**(59) compra **um** automóvel(60) tira **o** leite**u + V <pos>**(63) esses **dado** aqui(64) ...sem almoço **até** agora**I + V <pos>**(67) \*esse **aqui**(68) \*que **o** senhor**A + V <ant>**(61) bezerra **e** bezerro(62) essa semana **ele**...**U + V <ant>**(65) pego **esse** carro(66) fazê **isso e** mandá...**i + V <ant>**(69) \*porque **ele**(70) \*à noite **eu**

De acordo com os exemplos listados acima, pode-se depreender que é permitida a elisão de vogais posteriores, mas não da vogal anterior [i]. Todos os exemplos que contêm a vogal /i/ permitem apenas a ditongação. As vogais posteriores podem

---

<sup>11</sup> Os monomorfemas presentes nos exemplos não influenciam a ocorrência ou bloqueio do sândi porque contêm a segunda vogal da seqüência. Os monomorfemas serão analisados com mais detalhes no capítulo seguinte.

ser elididas tanto diante de vogais posteriores quanto diante de anteriores.

Segundo Bisol (2000), classes morfológicas específicas não influenciam o desencadeamento de sândi. A elisão, que parece possuir mais fatores bloqueadores, não vê diferenças entre itens lexicais e funcionais<sup>12</sup>, conforme os exemplos abaixo, em que a elisão ocorre em todas as seqüências.

**lexical + funcional**

(71) bezerra **e** bezerro

(72) comparando **o** aqui

**lexical + lexical**

(73) ...tava **a** esperando

(74) vamo **o** andá

**funcional + lexical**

(75) pra (v) **o**cê

(76) aquela **o**rdenhadeira

**funcional + funcional**

(77) quando **o** a gente

(78) enquanto **o** a média

Não foi considerada aqui a hierarquia prosódica, pois assumo, juntamente com Tenani (2002), que processos

---

<sup>12</sup> Foi utilizada aqui a classificação de Cunha (1980) com relação aos vocábulos no português, segundo o qual vocábulos lexicais incluem substantivos, adjetivos, verbos e advérbios de modo; e vocábulos gramaticais (ou funcionais) incluem artigos, pronomes, numerais, preposições, conjunções e demais advérbios.

segmentais no português brasileiro, como o sândi, não são sensíveis a fronteiras prosódicas<sup>13</sup>.

### 1.3 O português europeu e o sândi

A análise do sândi em português europeu (PE) têm sido realizada por vários pesquisadores, o que facilita em muito a possibilidade de comparação com outras gramáticas do português. Tomo como ponto de partida os trabalhos de Mateus & d'Andrade (2000) e Frota (2000), para só então realizar a comparação com o PA e PB. Mateus & d'Andrade (2000: 146) apresentam vários exemplos de grupos de vocábulos em que o sândi é permitido<sup>14</sup>:

#### 1.3.1 Degeminação

(79) **a anona** [anónɐ]

(80) diga **Aldina** [dígaɫdíne]

---

<sup>13</sup> Apesar de tal pesquisadora não ter considerado o grupo clítico em sua pesquisa, que é o domínio prosódico que mais interessa para a análise do sândi vocálico externo em monomorfemas.

<sup>14</sup> Todos os exemplos apontados aqui estão situados na p. 146 de tal pesquisa. A numeração foi modificada seguindo a numeração deste trabalho, mas as transcrições são as mesmas apresentadas pelos autores.

(81) diga **al**deia [digaʔdɛjɐ]

(82) casa **ant**iga [kázâtigɐ]

(83) **da** Antônia [dātɔniɐ]

Frota (2000) aponta que a fusão de vogais idênticas não ocorre em todas as seqüências V+V<sup>15</sup>, pois é sensível a propriedades da estrutura prosódica na qual a seqüência está inserida. Na sentença abaixo, a fusão é bloqueada, devido ao fato de que as duas palavras estão separadas pela fronteira de uma Frase Inonacional (I). A degeminação, segundo essa autora, aplica-se entre duas palavras dentro do domínio I<sup>max</sup><sup>16</sup>, mas é bloqueada entre fronteiras de I, conforme os exemplos abaixo (cf. Frota 2000: 80).

- (84) a. [ [A **aluna**]<sub>I</sub> [após o exame]<sub>I</sub> ]<sub>I</sub><sup>max</sup> [foi para a discoteca]<sub>I</sub> ✓  
 b. [A **aluna**]<sub>I</sub> [aceitou o emprego no restaurante]<sub>I</sub> ×

<sup>15</sup> Vale ressaltar que as vogais /a/ final e /a/ inicial são distintas no PE. Para esta pesquisa, apesar dessa diferença, trata-se o fenômeno como degeminação.

<sup>16</sup> O domínio I<sup>max</sup> é definido por Frota (2000) como o domínio I que é constituído por dois Is e dominado pela categoria prosódica do nível imediatamente superior (p. 73).

Outro aspecto apontado por Frota é que a degeminação é bloqueada se uma das vogais for acentuada, independentemente da ordem (´V V ou V ´V), do número de sílabas entre elas e do tipo de estrutura prosódica.

(85) a aluna **ama** (sem aplicação)

(86) a astróloga **ama** (sem aplicação)

Dessa forma, o acento lexical, se presente em qualquer uma das vogais da seqüência, bloqueia a aplicação da degeminação.

### 1.3.2 Ditongação

(87) salto **alto** [sáɫwáɫtu]

(88) quarto **acto** [kwártwátu]

(89) mato **esta** [mátweʃte]

(90) táxi **amarelo** [táksjẽmɐrelu]

(91) a. doze **horas** [dózjɔɾɛʃ]

b. vinte **horas** [vitjɔɾɛʃ]

Numa seqüência de duas vogais, se a primeira é uma vogal alta, a seqüência pode ser eliminada através da ditongação. A ditongação no PE é vista por Frota como paralela à elisão de vogais posteriores, pois de acordo com essa autora, ambos os processos compartilham características semelhantes, diferindo, em alguns pontos, da degeminação. Veja os exemplos que se seguem (para outros exemplos, cf. Frota 2000: 86-87):

- (92) Ou'vi a'penas, não cheguei a ver. (sem aplicação)
- (93) Ontem 'vi ani'mais domésticos na festa. (sem aplicação)
- (94) O ves'tido 'âmbar foi vendido ontem. (com aplicação)
- (95) O dança'rino 'ama a bailarina russa. (sem aplicação)

Assim, o bloqueio da ditongação pode se dar, segundo Frota, se a primeira vogal portar acento lexical ou, dependendo da distância entre os acentos lexicais, se a segunda vogal for portadora de acento.

### 1.3.3 Elisão

(96) rapariga honesta [ɾɐpɐrígɔnɛʃtɐ]

(97) água é líquido [ágwelíkidu]

(98) a. disse a Anita [dísanítɐ]

b. disse à Anita [dísanítɐ]

c. disse à Nita [dísanítɐ]

(99) a. sete horas [setɔrɐʃ]

b. dezanove horas [dzenɔvɔrɐʃ]

(100) a. disse o Júlio [dísuzúlju]

a'. disse-o \*[dísu]

b. feche o livro [fɛʃulívru]

b'. feche-o \*[fɛʃu]

c. passe a camisa [pásekəmízɐ]

c'. passe-a \*[páse]

De acordo com Mateus & d'Andrade (2000), as vogais átonas que podem ocupar a posição final são [i], [u], [ɨ] e [ɘ]. Os autores afirmam que [i] e [u] são o resultado da neutralização de dois conjuntos de vogais: /ɛ/ e /e/ são realizadas foneticamente como [i] e /ɐ/, /o/ e /u/ se realizam como [u]. Dessas duas vogais, [i] é a mais apagada, em qualquer ambiente; [u], de modo

diverso, pode ser apagado, mas a freqüência maior de queda é na posição final. A vogal /i/, quando em posição final, pode ser realizada como [i], mas como [i] pode ser apagado sempre, as vogais que realmente aparecem na última posição são [ɐ], [i] e [u].

Especificamente no que diz respeito ao sândi, se a vogal inicial da segunda palavra é átona ou porta acento lexical, mas não frasal, então a vogal final da primeira palavra desaparece (exemplos (96) a (98)). Se a vogal inicial da segunda palavra portar acento frasal, não há elisão. De outro modo, se a segunda vogal da seqüência é átona, a primeira vogal pode ser elidida.

Os exemplos em (99), segundo Mateus e d'Andrade, não apresentam alternância, sendo que nos numerais 'sete' e 'nove' sempre haverá elisão. Os outros numerais apresentam apenas ditongação.

Para os exemplos em (100), os autores apontam que o glide aparecerá sempre em formas verbais antes dos pronomes [u] ou [ɐ], sempre que as duas vogais pertencerem a uma mesma palavra fonológica. Em (100), em que [u] e [ɐ] são artigos e estão na fronteira de palavra fonológica, não há formação de glide, mas elisão.

O PE, portanto, não elide a vogal final dos verbos quando seguida de clítico pronominal. Veja a diferença entre os exemplos (101) e (102):

(101) am~~o~~-~~o~~ . . . . . (sem aplicação)

(102) am~~o~~ ~~o~~ menino . . . . . (com aplicação)

Vigário (2001), analisando estruturas como em (100'), aponta que os pronomes átonos são clíticos, e estes, por sua vez, não são afixos flexionais, motivo que explicaria as idiossincrasias fonológicas que apresentam.

Segundo Frota, assim como a degeminação, a eliminação da seqüência de duas vogais, seja através da ditongação ou através da elisão da vogal posterior, parece ocorrer dentro de Is e ser bloqueada entre Is.

Quando a primeira vogal é acentuada, ocorre o bloqueio geral dos processos relativos à adjacência de vogais, como na degeminação. A distância entre os acentos lexicais, interligada com o tipo de estrutura prosódica, pode ser um outro fator que restringe a elisão de vogais posteriores e a ditongação, mas apenas se é a segunda vogal da seqüência que é acentuada.

Frota resume as características dos processos de sândi externo expondo que o papel do acento diferencia a degeminação

da elisão e da ditongação. Na degeminação, se qualquer uma das vogais portar acento lexical, o fenômeno é bloqueado. Na ditongação e na elisão, o bloqueio ocorre se a primeira vogal for acentuada ou dependerá da distância entre os acentos lexicais se a segunda vogal portar acento.

#### **4.4 Resumo**

Após relacionar os principais aspectos do PA, PE e do PB com relação ao sândi, resumirei características do sândi nas três variedades sob enfoque. O primeiro ponto a ser destacado é a tendência que existe no português para se evitar hiatos, sendo que no PA os hiatos não eram proibidos, mas a tendência era de elidir uma das vogais.

Dentro do mesmo vocábulo era comum que houvesse hiato, formando duas sílabas. Bisol (2000) aponta que o português brasileiro revela essa tendência desde tempos mais antigos, como demonstra a literatura diacrônica.

Diferentemente do que acontecia no PA, a vogal dos pronomes *me*, *lhe* e *se* não se elidem em PB, mas há um caso nos

*corpora* do PE em que a vogal do pronome *me* é elidida quando o vocábulo seguinte é a preposição *a* (*dirijo-me a vós*). A conjunção e o pronome *que* e as conjunções *se* e *e* não se tornam semivogais diante de vocábulo iniciado por vogal no PA, fato recorrente no PE e no PB. E, finalmente, fenômeno não atestado nem no PB, nem no PE é a possibilidade, em PA, mesmo que em casos excepcionais, de se fundir vogal nasal com outra vogal, sendo que a segunda poderia ser tanto nasal quanto oral.

Aparentemente, a degeminação em PE ocorre de modo similar à do PB e a elisão parece diferir um pouco mais do PB, devido ao fator qualidade das vogais envolvidas. É quando se observam os aspectos apontados anteriormente sobre a ditongação, que são compartilhados pela elisão, que se pode verificar realmente a diferença entre as duas gramáticas<sup>17</sup>.

Ao contrário do PB, no PE existe também uma vogal átona final posterior [i] que pode ser elidida sempre. A elisão nos numerais (exemplos em (89)), em que os números *sete* e *nove*, bem como seus derivados (*dezassete* e *dezanove*), permitem a

---

<sup>17</sup> Os aspectos aqui levantados resumem as diferenças entre as gramáticas do PB e do PE, contudo, para uma comparação mais detalhada, conferir capítulo 3 de Tenani 2002.

elisão da vogal final, também é um ponto de diferenciação entre as duas gramáticas, PB e PE, no que diz respeito ao sândi.

Observadas as diferenças gerais entre o sândi nas três gramáticas sob análise, passa-se agora a considerar o sândi vocálico externo envolvendo monomorfemas nessas variedades.

## **II. Os monomorfemas e o sândi vocálico externo**

De acordo com Bisol (2000: 326), quando a vogal a ser elidida é um monomorfema, a tendência geral é de que se mantenha o hiato. A pesquisadora fornece, então, os seguintes exemplos:

- (1) moro na esquina - \*moro [nis]quina
- (2) cuida da entrada - \*cuida [den]trada
- (3) mora na Holanda - \*mora [no]landa

Em seguida, a autora explica que em *na* e *da* existem dois monomorfemas que não podem ser apagados, sob o risco de não poderem ser recuperados. Este capítulo apresentará uma descrição do sândi vocálico externo envolvendo monomorfemas, incluindo não somente monomorfemas ligados a outros monomorfemas – como nos exemplos de Bisol acima – mas também aqueles que se encontram isolados, como é o caso de artigos definidos e conjunções.

### **2.1 Os monomorfemas no PA**

Massini-Cagliari (1999b) apresenta um estudo específico do sândi vocálico externo no PA, através da análise de cinquenta cantigas de amigo do Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa. A pesquisadora enfoca a elisão no seu trabalho, ressaltando que a ditongação está restrita à ocorrência com o pronome *mi*, mas que mesmo nesse contexto, a elisão representa a tendência geral de desencadeamento do sândi. Seguem exemplos da ditongação (exemplo (1) no original):

- (4) Leda mhandeu
- (5) Nen mha duz o meu amigo
- (6) E nunca mho fará creer
- (7) Dizen mhora muit que uen

Mais particularmente, Cunha (1961) afirma que:

- (i) a vogal da preposição não se elidia antes da vogal quando era “o corpo do pronome átono *o*, *a*, *os*, *as*”;
- (ii) a vogal dos pronomes átonos *me*, *lhe* (ou *lhi*), *se* (ou *si*), *xe* (ou *xi*) sempre se elidia antes de outras vogais;
- (iii) a vogal do pronome *mi* elidia-se antes de palavras iniciadas por *e*, *i* e *u*, mas ditongava quando precedia as vogais *a* e *o*;
- (iv) o pronome pessoal oblíquo *o* (*a*) combinava-se com os pronomes *me*, *te*, *xe* e *lhe*, mas em outros casos mantinha sua autonomia silábica;



- (v) a vogal do pronome e da conjunção *que*, bem como a das conjunções *ca* e *se*, não se elidia nem se tornava uma semivogal;
- (vi) a conjunção *e* não se ditongava com uma vogal subsequente;
- (vii) a preposição *a* contraía com o artigo *el*, mas tornava-se hiato com outras palavras iniciadas por vogal;
- (viii) a vogal átona do final de verso não sofria elisão nem sinalefa quando seguida do pronome *o(s)*, *a(s)*;
- (ix) excepcionalmente, admitia-se a fusão silábica de vogal nasal com outra vogal (fosse esta última oral ou nasal).

Veja as seqüências abaixo (exemplos (10) a (14) em Massini-Cagliari 1999: 10-11):

(8) Qyʃomoiun caualeyro dizer

Quiso-m'oj'um

(9) que massanharey por el tardar

mássanharei

(10) Tã anhudo nō me semeu q' ser

m'ê m'eu

(11) Doutro mal del ca deſquandeunacy

d'outro d'el

(12) Semeu auos dassanhar nō ouuer

d'assanhar

(13) tornou muj triste eu bem lhentendi

lh'entendi

(14) E pauor eu deſſalongar

s'alongar

(15) Mays como xe muy trabador

x'ê

Além dos casos citados e exemplificados acima, Massini-Cagliari (1999b) verificou que, no *corpus* por ela analisado, um outro monossílabo, a preposição *so*, se comporta como as conjunções *que*, *ca* e *se*, não se elidindo com palavras iniciadas por vogal.

Expostos os principais aspectos dos processos fonológicos envolvendo vogais em fronteiras de palavras monossílabas no PA, segue a descrição do sândi envolvendo monomorfemas no PB.

## **2.2 Os monomorfemas e o sândi no PB**

O fato que mais chama a atenção no *corpus* observado é, sem dúvida, o bloqueio da elisão nos monomorfemas<sup>18</sup>. Quando a primeira vogal das seqüências envolvidas no sândi é um monomorfema, a elisão é bloqueada, mas quando a segunda vogal é que constitui um monomorfema, o sândi pode ser desencadeado, porque apenas a primeira vogal da seqüência é apagada.

O acento lexical e o acento frasal nuclear da segunda vogal restringem a aplicação da elisão e é proibido o apagamento de categorias morfológicas. Seguem-se exemplos de seqüências envolvendo monomorfemas no *corpus*. Os símbolos (✓) e (×) indicam a ocorrência ou não-ocorrência do processo, nessa ordem.

---

<sup>18</sup> (Cf. nota 1)

### 2.2.1 Ditongação

#### QUALQUER ITEM LEXICAL + MONOMORFEMA

- |                               |   |
|-------------------------------|---|
| (16) hoje <b>ã</b> noite      | ✓ |
| (17) fazê isso <b>e</b> mandá | ✓ |
| (18) ligá <b>o</b> carro      | ✓ |
| (19) quarenta <b>e</b> dois   | ✓ |
| (20) porque <b>o</b> senhor   | ✓ |
| (21) teve <b>um</b> custo     | ✓ |

#### MONOMORFEMA + QUALQUER ITEM LEXICAL

- |                          |   |
|--------------------------|---|
| (22) que <b>ano</b>      | ✓ |
| (23) <b>o</b> inventário | ✓ |
| (24) de <b>aborto</b>    | ✓ |
| (25) <b>a</b> idéia      | ✓ |
| (26) já <b>entregou</b>  | ✓ |
| (27) do <b>estado</b>    | ✓ |

Pelo que se pode depreender dos exemplos (16) a (27), qualquer seqüência de vogais em que uma delas é alta pode passar por ressilabação e resultar num ditongo, tanto quando o

primeiro vocábulo é um monomorfema, como nos casos em que o segundo vocábulo é um monossílabo.

### 2.2.2 Degeminação

#### QUALQUER ITEM LEXICAL + MONOMORFEMA

- |                                     |   |
|-------------------------------------|---|
| (28) agora <b>as</b> fazendas       | ✓ |
| (29) casa dele <b>em</b> Goiânia    | ✓ |
| (30) na categoria <b>a</b> média    | ✓ |
| (31) mostrá <b>a</b> fazenda        | ✓ |
| (32) considerando <b>o</b> desgaste | ✓ |

#### MONOMORFEMA + QUALQUER ITEM LEXICAL

- |                          |   |
|--------------------------|---|
| (33) lá <b>atrás</b>     | ✓ |
| (34) de <b>entregá</b>   | ✓ |
| (35) de <b>irrigação</b> | ✓ |
| (36) <b>o</b> uso        | ✓ |
| (37) da <b>amostra</b>   | ✓ |

Os exemplos de (28) a (37) demonstram que qualquer seqüência de vogais idênticas, sendo ou não núcleo de monomorfema, pode passar por degeminação. É importante ressaltar que não só seqüências de vogal /a/ passam por degeminação, mas também outras vogais, como /i/ e /u/, assim como acontece com vocábulos constituídos de mais de uma sílaba, como já observado em exemplos anteriores.

### **2.2.3 Elisão**

A elisão exibe um comportamento diferente dos outros processos desencadeados por sândi, visto que as seqüências *monomorfema* mais *qualquer item lexical* (exemplos (43) a (47)) não permitem a elisão da primeira vogal. De modo diverso, todas as seqüências constituídas de *qualquer item lexical* mais *monomorfema* (exemplos (38) a (42)) permitem o apagamento da primeira vogal. Neste último caso, a vogal pode ser elidida por não ser um monomorfema.

**QUALQUER ITEM LEXICAL + MONOMORFEMA**

- |                                    |   |
|------------------------------------|---|
| (38) fica <b>um</b> pouco fraca    | ✓ |
| (39) o Júlio <b>é</b> imprevisível | ✓ |
| (40) significa <b>o</b> quê        | ✓ |
| (41) quando <b>a</b> gente         | ✓ |
| (42) considerando <b>a</b> receita | ✓ |

**MONOMORFEMA + QUALQUER ITEM LEXICAL**

- |                               |   |
|-------------------------------|---|
| (43) <b>se</b> ele não for... | x |
| (44) <b>a</b> outra reunião   | x |
| (45) <b>a</b> espiga          | x |
| (46) <b>da</b> Hungria        | x |
| (47) <b>do</b> abatedouro     | x |

Ainda a respeito do sândi em monomorfemas, é relevante que se considere também seqüências *monomorfema* mais *monomorfema*. Nesses casos, a elisão é bloqueada, e a

degeminação e ditongação são permitidas. Veja os exemplos abaixo<sup>19</sup>:

MONOMORFEMA + MONOMORFEMA			
	DIT	EL	DEG
(48) <b>que o</b>	✓	x	/
(49) <b>de um</b>	✓	✓	/
(50) <b>que há</b>	✓	x	/
(51) <b>p(a)ra o</b>	✓	✓	/
(52) <b>ao</b>	✓	x	/
(53) <b>à (prep. + artigo)</b>	/	/	✓
(54) <b>p(a)ra a</b>	/	/	✓

A elisão em monomorfemas pode acontecer em algumas raras seqüências cuja primeira vogal seja [i], como em (49), pois constituem expressões mais cristalizadas e o apagamento da vogal não significa o apagamento de uma informação morfológica. Em *de um* (elisão que já aparece também na escrita),

<sup>19</sup> O sinal (/) indica que o processo não se aplica à seqüência por não haver ambiente favorável à aplicação do mesmo.

em *que eu* e *de eu*, a consoante que fica depois da elisão garante o reconhecimento do vocábulo e a marca morfológica é preservada nessa consoante. Em *que há* o processo não pode ser desencadado, por haver restrição sobre a qualidade da primeira vogal da seqüência.

Quando o primeiro monomorfema é a vogal /a/ (artigo definido), a elisão é sempre proibida (exemplo (52)). O caso de monomorfema com a vogal /a/ elidida restringe-se à contração de preposição mais artigo, como em *para o*, no *corpus* sempre pronunciado [pru], pois a preposição *para* só aparece no *corpus* como [pra]. A elisão aqui se torna possível porque a vogal elidida, como em *de um*, não elimina o monomorfema preposicional, pois o mesmo pode ser representado pelas duas consoantes que restaram.

Para a degeminação, as únicas seqüências encontradas no *corpus* foram a fusão de /a/ (preposição) mais o artigo /a/, que resulta numa única vogal, além da degeminação da preposição *para* mais o artigo definido *a*.

### 2.3 O sândi e os monomorfemas no PE

Para proceder à descrição do sândi vocálico externo no PE, foram utilizados dois *corpora* pertencentes ao Projeto Temático FAPESP “Padrões Rítmicos, Fixação de Parâmetros e Mudança Lingüística” (Proc. 98/3382-0), cujo objetivo principal é modelar a relação entre prosódia e sintaxe na mudança linguística que deu origem ao Português Europeu Moderno a partir do Português Clássico. Este projeto está sendo desenvolvido em mais de um centro de pesquisa, dentre os quais, o Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP.

Além dos resultados específicos da pesquisa científica desenvolvida no âmbito do projeto, este resultou também no *Corpus Anotado do Português Histórico Tycho Brahe*, com textos escritos por autores portugueses nascidos entre 1550 e 1850 e em um *Corpus Comparativo Anotado de Português Europeu Moderno e Brasileiro Falado*, com registros sonoros de falantes de ambas as variedades lingüísticas.

Os dois *corpora* utilizados nesta pesquisa, em particular, pertencem ao *Corpus Comparativo Anotado de Português Europeu Moderno e Brasileiro Falado*, e são constituídos das gravações de

uma missa e do filme “A Dama e o Vagabundo”. Seguem os resultados obtidos com a análise dos *corpora*.

Assim como foi realizado na análise dos monomorfemas em PB, foram escolhidos contextos em que não houvesse restrições fonológicas e prosódicas para a ocorrência de sândi. Esses contextos limitaram bastante as ocorrências do fenômeno, visto que os *corpora* utilizados na pesquisa são representativos de fala espontânea.

### 2.3.1 Ditongação

#### QUALQUER ITEM LEXICAL + MONOMORFEMA

- |   |   |
|---|---|
| (55)... <b>da</b> história e do universo... | ✓ |
| (56)... <b>para os</b> vossos filhos...     | ✓ |
| (57)... <b>eterno e</b> onnipotente...      | ✓ |
| (58)... <b>perante a</b> pergunta...        | ✓ |
| (59)... <b>conforme as</b> escrituras...    | ✓ |

### MONOMORFEMA + QUALQUER ITEM LEXICAL

- |   |   |
|---|---|
| (60) <b>na</b> esperança                | ✓ |
| (61) <b>de</b> alegria                  | ✓ |
| (62) <b>do</b> evangelho                | ✓ |
| (63) ... <b>da</b> igreja...            | ✓ |
| (64) ...para ouvirem <b>o</b> apelo...  | ✓ |
| (65) ...dia mundial <b>de</b> oração... | ✓ |

### MONOMORFEMA + MONOMORFEMA

- |                         |   |
|-------------------------|---|
| (66) ... <b>e a</b>     | ✓ |
| (67) ... <b>que é</b>   | ✓ |
| (68) ... <b>que o</b>   | ✓ |
| (69) ... <b>que ele</b> | ✓ |

De acordo com Mateus & d'Andrade (2000), monossílabos gramaticais como *que* [ki]<sup>20</sup>, *se* [si] e *de* [di] tornam-se glides quando diante de vogal no início de outro item lexical, o que constitui o processo de ditongação. Dos exemplos listados acima,

---

<sup>20</sup> Conservaram-se, aqui, as transcrições fornecidas pelos autores.

constata-se que a ditongação ocorre de maneira semelhante aos monossílabos do português brasileiro, ou seja, em qualquer seqüência que envolva monomorfemas e vogais altas, a ditongação pode ocorrer, exceto em ambientes que apresentem as restrições fonológicas e prosódicas apontadas no capítulo anterior ou que haja pausa entre os itens da seqüência.

### 2.3.2 Elisão

#### QUALQUER ITEM LEXICAL + MONOMORFEMA

- |   |   |
|---|---|
| (70) ...respeitando <b>a</b> liberdade... | ✓ |
| (71) ...promete <b>a</b> vida...          | ✓ |
| (72) ...espero <b>a</b> ressurreição...   | ✓ |
| (73) ...primeiro <b>as</b> senhoras...    | ✓ |
| (74) ...não leve isso <b>a</b> sério...   | ✓ |

### MONOMORFEMA + QUALQUER ITEM LEXICAL

- |   |   |
|---|---|
| (75) ...na unidade do Espírito...       | x |
| (76) ...dai-lhe a união e...            | x |
| (77) ...é que a imagem de Jesus...      | x |
| (78) ...como a ovelha que entra...      | x |
| (79) ...entra no aprisco das ovelhas... | x |
| (80) ...na esperança da vida eterna...  | x |

### CLÍTICO + MONOMORFEMA/ QUALQUER OUTRO ITEM

- |                              |   |
|------------------------------|---|
| (81) ...dirijo-me a vós...   | ✓ |
| (82) ...pedir-te ainda...    | ✓ |
| (83) ...larga-me ou...       | ✓ |
| (84) ...vai-te arrepender-te | ✓ |

Constata-se, então, que as seqüências de qualquer item lexical seguido de monomorfema apresentam as mesmas características do sândi em PE sem a presença de monomorfemas, cuja descrição se encontra no capítulo anterior. Salienta-se aqui o exemplo (71), que permite a elisão de uma

vogal alta, diferentemente do PB, que nesse ambiente só permite a ditongação.

Os dados desta pesquisa revelaram que seqüências do tipo *clítico + monomorfema + item lexical* apresentam maiores contrastes com o português brasileiro. Em todas as seqüências dos *corpora* em que o monomorfema é um clítico, houve elisão da vogal final (exemplos (81) a (84)). É importante notar que todos esses clíticos terminam com a vogal descrita por Mateus e d'Andrade como posterior alta [i], que normalmente é apagada em todos os ambientes em que se encontra. Nas outras seqüências monomorfema + qualquer item lexical (exemplos (75) a (80), o monomorfema também não pode ser elidido, assim como no PB.

### 2.3.3 Degeminação

#### QUALQUER ITEM LEXICAL + MONOMORFEMA

(85) ...ela está **a** dormir...

(86) ...e de camisa **às** riscas...

(87) ...garantia contra **a** água...

### MONOMORFEMA + QUALQUER ITEM LEXICAL

- (88) ...estão **a** agir...
- (89) ...plenitude **da** alegria pascal...
- (90) Chegou **a** altura de...

Diferentemente da elisão e da ditongação, os dados relacionados à degeminação não foram tão claros quanto à percepção sobre se houve ou não o desencadeamento do processo. Dessa forma, foram realizadas medições da duração do intervalo vocálico em que poderia ocorrer o fenômeno. Através da análise dessas durações<sup>21</sup>, estabeleceu-se a média de 186ms para vogais tônicas, 62ms para pretônicas e 56ms para postônicas finais<sup>22</sup>.

Na seqüência (85) perceptivelmente há duas vogais (cf. espectrograma no Anexo 3), que não poderiam passar pela

---

<sup>21</sup> Para uma maior exatidão nos resultados, é necessário que se faça segmentação de todas as vogais posteriores /a/ constantes do *corpus* e o cálculo da média de duração e do desvio padrão, o que não foi realizado por fugir aos objetivos desta dissertação. No entanto, trata-se de tópico para futuras investigações. Para o PB, cf. Tenani (2002).

<sup>22</sup> Como critério para identificar se houve ou não a elisão, considerou-se a presença de uma ou mais vogais no espectrograma. Estamos conscientes da precariedade de tal critério e de que apenas estudos mais detalhados poderão confirmar tais resultados.

degeminação (vogal acentuada + vogal átona)<sup>23</sup>, mas o espectrograma revela apenas uma vogal, de 127ms. Da mesma forma, o exemplo (86) apresentou no espectrograma apenas uma vogal, com duração de 158ms, em ambiente em que não haveria degeminação pelo fato de uma das vogais da seqüência ser acentuada<sup>24</sup>.

No exemplo (87) as três vogais da seqüência se realizam como duas vogais, uma mais reduzida, de 63ms, e outra longa, de 234ms. Comparando esses valores com o de outras vogais do corpus, pode-se inferir que houve a degeminação das duas primeiras vogais e bloqueio do processo que envolveria a terceira vogal, acentuada.

As seqüências monomorfema + qualquer item lexical, além de pouco numerosas, revelaram bloqueio em todas as ocorrências. As durações das vogais foram de 74ms e 64ms no exemplo (88); 120ms e 68ms no exemplo (89); e 88ms e 46ms no

---

<sup>23</sup> Quando uma das vogais é acentuada, a degeminação é bloqueada (cf. Frota 2000 e Tenani 2002), independentemente de fatores prosódicos como número de sílabas, por exemplo.

<sup>24</sup> Esses três exemplos, portanto, deveriam ser comparados, em estudos posteriores, com médias mais precisas de duração de vogais. Uma análise como a de Tenani (2002) poderia ser realizada para que se estabelecesse uma média de duração que comprovasse de fato a ocorrência ou não da degeminação.

exemplo (90). Como todas essas vogais não portavam acento lexical, buscou-se, então, uma explicação para o fenômeno.

De acordo com Abaurre *et alii* (2001), diferentemente do PB, o PE permite que uma palavra funcional porte acento rítmico (acento secundário), desde que essa palavra funcional esteja no começo de uma frase fonológica ou na primeira sílaba da palavra lexical de uma frase fonológica. Assim, o bloqueio da degeminação nesses ambientes pode ser devido ao fato de a palavra funcional (no caso, preposição, artigo definido e contração de preposição mais artigo definido) portar acento secundário.

Tendo descrito o sândi vocálico externo nas três gramáticas do português aqui enfocadas, analisarei, em seguida, as restrições sobre os monomorfemas apontada por Bisol (2000), na tentativa de buscar uma maior generalização do bloqueio da elisão, quando a vogal que poderia ser elidida carrega alguma informação morfológica que cause contraste entre dois ou mais itens lexicais, por ser esse o fato mais recorrente nos *corpora* que serviram de base para a realização deste trabalho.

A partir dessa observação, algumas teorias fonológicas serão analisadas, para que se obtenha uma explicação

satisfatória do fenômeno, com destaque para a relação entre a morfologia e a prosódia, relação esta apontada por Bisol (2000) como crucial para a compreensão de casos de sândi vocálico externo envolvendo monomorfemas.

### **III. Os monomorfemas e os modelos teóricos**

A partir dos dados apresentados no capítulo anterior, percebe-se que o bloqueio da elisão de monomorfemas é recorrente em todos os *corpora* investigados. Na tentativa de encontrar as causas desse bloqueio, levantam-se aqui duas hipóteses alternativas de análise:

(i) a primeira vogal da seqüência não pode ser elidida de maneira alguma por conter uma informação morfológica e semântica, importante para a marcação da definitude, e a morfologia, em interação com a fonologia, não permitiria o desencadeamento do processo; ou

(ii) o próprio componente fonológico, de alguma forma, proíbe a elisão.

Este capítulo investigará, num primeiro momento, a hipótese (i), de acordo com o modelo teórico da Morfologia Prosódica, na sua versão clássica, e também segundo a Teoria da Otimalidade, e de acordo com o modelo da Morfologia Distribuída. Num segundo momento, passa-se a discutir a hipótese (ii), baseada na noção de *base-identity* da Teoria da Otimalidade. Finalizando o capítulo, apresenta-se uma discussão sobre o caráter da degeminação, indagando se o processo pode ser considerado como apagamento ou como fusão de dois segmentos idênticos.

Concluída a descrição dos dados (cf. capítulo anterior) nos *corpora* que serviram de base para a realização desta pesquisa, partiu-se para a elaboração de um *corpus* experimental com sentenças do PB, que teve como função corroborar a hipótese de que, independentemente de fatores estritamente fonológicos, sempre há o bloqueio da elisão nos monomorfemas, mas não da degeminação. Seguem as sentenças do *corpus* experimental<sup>25</sup>:

---

<sup>25</sup> Foram elaboradas três sentenças para cada posição do grupo de seqüências a passar pelo processo de sândi: início, meio e fim de oração. Os informantes escolhidos pertenciam ao Estado de São Paulo, visto que a pesquisa revelou

**A** oração fortalecia os fiéis.  
 Na **u**niversidade todos se encontravam.  
 Da **o**velha só ficou a lâ.  
 Viviam felizes na **h**umildade daquele lar.  
 Ela gostava da **u**niversidade que escolheu.  
 Maria fez **a** oração como de costume.  
 Havia muita sinceridade na **o**ração.  
 Ele não respeitava **a** humildade.  
 João precisava da **u**niversidade.  
 Maria gostava da **a**miga.  
 A tartaruga estava na **a**reia.  
 Pedro comeu **a** alface.  
 Da **a**ntena saía um som muito estranho.  
 Na **a**ldeia todos faziam suas tarefas.  
**A** admiração pelo amigo crescia a cada dia.  
 João falava muito da **a**ldeia.  
 O leão estava na **a**rena.  
 Pedro queria matar **a** aranha.

O *corpus* experimental apresenta as seguintes características:

(a) Acento lexical: foram consideradas apenas seqüências de vogais átonas, visto que este é o ambiente mais propício à ocorrência de sândi (Bisol 1992, 1996b e 2000);

---

homogeneidade dos dados em relação ao fenômeno estudado em várias regiões do país.

(b) Domínio de Aplicação: De acordo com Tenani (2002), processos segmentais em PB não são influenciados ou bloqueados pelo domínio prosódico, podendo ocorrer entre todas as fronteiras prosódicas, inclusive entre enunciados (Us). Dessa maneira, as seqüências não foram elaboradas de modo a verificar a aplicação dentro de domínios prosódicos específicos, pois estes não contam como variáveis.

(c) Qualidade das vogais: foram consideradas apenas seqüências da vogal /a/ seguida de uma vogal posterior, por serem essas vogais as que mais desencadeiam o processo de sândi vocálico externo. Segundo Bisol (1992, entre outros), a queda de /a/ diante de vogais posteriores tende à aplicação categórica;

(d) Acento frasal<sup>26</sup>: o acento frasal varia, no *corpus*, de acordo com a posição dos vocábulos que podem desencadear o sândi na sentença. Quando os vocábulos estão na posição inicial da sentença, tem-se maior distanciamento do acento frasal, quando na posição medial, estão um pouco mais próximos do acento frasal, e finalmente, quando ambos os vocábulos estão na

---

<sup>26</sup> Em todas seqüências, as vogais que constituem ambiente favorável à aplicação do sândi não portam acento de frase fonológica, que bloquearia o processo (cf. Abaurre 1996 e Abaurre *et alii* 1999).

posição final da sentença, o segundo vocábulo porta o acento frasal, mas o mesmo não cai na vogal que participa do sândi, o que garante que a mesma seja pretônica.

(e) Classe morfológica: foram consideradas apenas seqüências entre preposição contraída com artigo + substantivo, pois, de acordo com Bisol (1992: 86),

*Não importa a classe lexical envolvida, importa que os vocábulos fonológicos estejam sob o domínio de uma categoria prosódica mais alta, seja a imediatamente superior, a frase fonológica, seja a mais alta de todas, o enunciado.*

Dois informantes, um não-lingüista (I) e um lingüista (II), foram instruídos a pronunciarem as sentenças numa velocidade mais rápida, com entonação neutra. A análise do *corpus* experimental revelou os seguintes resultados:

<b>Informante I</b>			
Tipo de sândi	Total de sentenças	ocorrências	Bloqueio (%)
<b>Elisão</b>	9	0	100%
<b>Degeminação</b>	9	9	0%

<b>Informante II</b>			
Tipo de sândi	Total de sentenças	ocorrências	Bloqueio (%)
<b>Elisão</b>	9	0	100%
<b>Degeminação</b>	9	8	11,11%

A partir das tabelas acima, pode-se constatar que realmente a degeminação é permitida em monomorfemas, pois o primeiro informante realizou o processo em 100% dos casos. O segundo informante o fez em aproximadamente 89% dos casos, deixando de realizar o processo em apenas uma sentença. Esse bloqueio, no entanto, não é significativo, tendo em vista que o processo de sândi não é categórico, mas de implementação gradiente, condicionado tanto por fatores lingüísticos como por variáveis extra-lingüísticas. A elisão, por outro lado, foi bloqueada categoricamente pelos dois informantes.

Além dos monomorfemas citados anteriormente, há ainda contextos em que alguns itens lexicais só passam pela regra de elisão se a informação morfológica contida na vogal a ser elidida está presente num outro lugar no nível frasal. Por exemplo, /andagora/ poderia ser entendido tanto como *ando agora*, quanto como *anda agora*.

No entanto, os falantes só reconhecem a seqüência *anda agora* legítima com aplicação do sândi quando o sujeito não é expresso na sentença. Por outro lado, se o sujeito é realizado foneticamente, a elisão é permitida. Não trataremos aqui de casos envolvendo a morfologia flexional em verbos por fugir ao

escopo desta pesquisa, mas o exemplo é relevante para mostrar a relação entre a morfologia flexional e a elisão no sândi.

Buscando uma explicação satisfatória para o bloqueio da elisão nos monomorfemas, passa-se agora a investigar modelos teóricos que poderiam nos fornecer essa resposta.

### **3.1 A elisão em monomorfemas e os modelos teóricos**

Em artigo publicado em 2000, Bisol explora um pouco a questão dos monossílabos, salientando que o hiato é a forma preferida quando uma das vogais a ser apagada é um monomorfema. Segundo a autora, a elisão do morfema prejudica o sentido da frase, já que não se pode distinguir, por exemplo, *da entrada* de *de entrada*. Para Bisol, os monomorfemas são um problema para a Fonologia Lexical, pelo fato de as informações morfêmicas não existirem no nível pós-lexical.

#### **3.1.1 Fonologia Lexical**

A Fonologia Lexical, de acordo com Mohanan (1986), reconhece dois tipos de aplicações de regras, distintas em termos

do módulo ao qual se aplicam. Uma regra poderia se aplicar no módulo lexical ou no módulo pós-lexical, ou nos dois, sendo que, no último caso, não há distinções entre regras lexicais e pós-lexicais, já que se aplicam nos dois módulos.

No modelo teórico da Fonologia Lexical o léxico de uma determinada língua está organizado em uma série de níveis ou estratos, nos quais são aplicadas regras morfológicas e fonológicas. A ordenação desses estratos espelha, então, a ordenação dos processos de formação de palavras.

O ponto central da Fonologia Lexical é a idéia de que um subconjunto de aplicações de regras lexicais acontece no léxico, junto com operações morfológicas, e outro conjunto ocorre pós-lexicalmente, e esse modelo teórico trata de regras fonológicas cíclicas, que se aplicam no léxico, e que requerem informações morfológicas.

Para se fazer a distinção entre regras lexicais e pós-lexicais, Mohanan estabelece dois princípios: (a) Uma aplicação de regra que exige informação morfológica deve ocorrer no léxico;

(b) Aplicação de regra através de juntura de palavras (= *outputs* do léxico) deve ocorrer pós-lexicalmente<sup>27</sup>.

A Fonologia Lexical prevê que regras lexicais são intercaladas com regras de formação de palavras, sendo natural para elas terem acesso a propriedades lexicais de morfemas de um dado vocábulo. Regras pós-lexicais, como as de sândi, são aplicadas fora do léxico, ao *output* do componente sintático e, por isso, apresentam características diferentes das regras lexicais.

De acordo com Kenstowicz (1994), as regras pós-lexicais não têm acesso direto a propriedades lexicais dos morfemas constituintes que compõem uma palavra. Esta informação estaria inacessível por causa da Convenção de Apagamento de Colchetes<sup>28</sup>, e isto explicaria por que as regras pós-lexicais tipicamente são automáticas e não têm exceções lexicais.

Kenstowicz afirma que cada gramática estipula um conjunto de segmentos contrastivos subjacentes (o inventário

---

<sup>27</sup> No original: "A rule application requiring morphological information must take place in the lexicon"; "Rule application across words (=outputs of the lexicon) must take place postlexically." (Mohanan, 1986: 9-10)

<sup>28</sup> Segundo a Convenção de Apagamento de Colchetes, os colchetes que marcam a estrutura morfológica são apagados ao final de cada estrato. Disso resulta que a estrutura interna de um estrato não está disponível em estratos de número mais elevado.

fonêmico) e, conforme o Princípio de Preservação da Estrutura<sup>29</sup> (Kiparsky 1985), as representações no léxico só podem ser compostas por elementos tirados do inventário fonêmico.

O inventário fonêmico, então, restringe os tipos de regras fonológicas que podem ser aplicadas no léxico. Se uma regra introduz ou se refere a um segmento não-contrastivo, pelo Princípio de Preservação da Estrutura ela só pode ser aplicada pós-lexicalmente.

Diante do que foi exposto, a elisão dos monomorfemas, conforme bem observou Bisol (2000), apresenta um problema para a Fonologia Lexical, já que as regras de sândi não são cíclicas, nem lexicais, mas se aplicam no componente pós-lexical, não podendo, com isso, acessar informações referentes à morfologia.

O bloqueio da elisão, no entanto, parece preservar uma informação morfológica, em que uma regra pós-lexical deixa de

---

<sup>29</sup> A noção de preservação da estrutura baseia-se na idéia de que há restrições sobre os possíveis segmentos subjacentes no inventário fonêmico de uma dada língua e as mesmas restrições que se aplicam a representações subjacentes estão ativas ao longo da derivação na fonologia lexical, mas estão inativas no componente pós-lexical.

ser aplicada em favor da morfologia, no caso, de um único segmento que é contrastivo<sup>30</sup>.

Dessa forma, a regra pós-lexical não conseguiria eliminar um segmento que contém informação morfológica relevante e é bloqueada. Como a Fonologia Lexical trata da interação entre fonologia e morfologia no léxico, não é possível solucionar o problema do bloqueio da elisão por tal modelo teórico.

Na tentativa de resolver essa questão do bloqueio da elisão dos monomorfemas, Bisol (2000) aponta que talvez se trate de uma relação entre a morfologia e a prosódia, mas não discute essa possibilidade, o que será feito em seguida.

### **3.1.2 Morfologia Prosódica “Clássica”**

A Morfologia Prosódica, segundo McCarthy & Prince (1995), é uma teoria que trata de como os determinantes morfológicos e fonológicos da forma lingüística interagem um com o outro num sistema gramatical. Mais especificamente, é

---

<sup>30</sup> Em momento posterior à Fonologia Lexical, alguns modelos teóricos consideraram que a morfologia flexional é inserida pós-lexicalmente.

uma teoria de como a estrutura prosódica afeta a morfologia dos *templates* e a morfologia de circunscrição<sup>31</sup>.

A operação morfológica mais comum é a afixação, que ocorre antes da fonologia. Esta deve designar uma representação fonética consistente com o resultado da afixação, de acordo com as regras e restrições da língua. No entanto, há casos em que o processo de afixação leva em conta a fonologia da base, como por exemplo em reduplicações, apelidos (hipocorísticos) e infixações.

Os estudos que abordam a morfologia prosódica (Marantz (1982), McCarthy & Prince (1986) e Steriade (1988), entre outros) compartilham a idéia de que é a prosódia que vai determinar, delimitar ou restringir o morfema a ser reduplicado, truncado, ou que passará por infixação, a partir da forma fonológica ou prosódica da base.

Considerando a primeira hipótese de análise (i), esse não é o caso da elisão, visto que, nos casos de sândi, é a fonologia que tem acesso a informações morfológicas relevantes e, assim, a morfologia bloqueia ou não a regra da elisão. De acordo com o

---

<sup>31</sup> Os *templates* são morfemas ou formativos que geram formas morfológicas fixas e, segundo a hipótese da Morfologia Prosódica, são definidos em termos de unidades prosódicas, como moras, sílabas, pés, ou palavras prosódicas. A circunscrição diz respeito ao domínio ao qual as operações morfológicas se aplicam, o qual pode ser definido pelo critério prosódico, além de critérios morfológicos mais conhecidos. Para uma maior explicação desses termos, cf. McCarthy & Prince (1995).

que foi descrito até agora sobre o fenômeno sob enfoque, os monomorfemas exemplificados no capítulo 2 (reapresentados abaixo) parecem respeitar todos as exigências que dizem respeito à fonologia, inclusive à fonologia prosódica.

### **MONOMORFEMA + QUALQUER ITEM LEXICAL**

- (1) **se** ele não for...
- (2) **a** outra reunião
- (3) **a** espiga
- (4) **da** Hungria
- (5) **do** abatedouro

Se considerarmos a primeira hipótese, temos de pensar que a restrição seja sobre o apagamento de uma vogal com informação morfológica relevante para evitar a ambigüidade entre dois ou mais itens da língua. Dessa forma, uma teoria que explique essas restrições não pode, de maneira alguma, deixar de considerar questões de ordem morfológica para a aplicação de regras fonológicas pós-lexicais.

A sugestão de Bisol de que a relação entre morfologia e prosódia talvez resolvesse o problema (já que só há uma maneira

de distinguir os monomorfemas no nível pós-lexical, pela qualidade fonética da vogal, ou por fatores ligados à intensidade, duração, altura ou outras propriedades prosódicas) não parece ser a mais adequada para essa primeira hipótese, se o objetivo é que a morfologia bloqueie a aplicação de uma regra fonológica pós-lexical.

### **3.1.3 Morfologia Prosódica baseada na TO**

Kager (1999), ao apresentar os pontos fundamentais da Teoria da Optimalidade (TO), discute alguns processos fonológicos que interagem com a prosódia<sup>32</sup>, um dos quais revela semelhanças com o fenômeno sob estudo, a síncope na língua árabe palestina. Em seguida, serão explicitados os aspectos principais da gramática segundo a TO e as características da elisão de /i/ na língua supracitada, para posterior discussão da elisão em monomorfemas.

Segundo Kager (1999), a gramática na TO é um mecanismo de input-output que associa um output a um input, tal que cada

---

<sup>32</sup> Kager (1999) apresenta uma comparação entre a Morfologia Prosódica “Clássica” e a Morfologia Prosódica baseada na TO. A análise da síncope no árabe da Palestina é discutida sob as perspectivas da análise cíclica (segundo teoria derivacional) e da *base-identity* (de acordo com a TO, teoria representacional).

input tem precisamente um output. Para alcançar esse objetivo, a gramática contém uma divisão de trabalho entre um componente que mapeia o input a um conjunto infinito de formas candidatas de output, e outro componente que é responsabilizado pela avaliação de tais formas candidatas de output, através de um conjunto de restrições ranqueadas, e da seleção do output ótimo entre os candidatos.

A gramática na TO apresenta os seguintes componentes: um **Léxico**, que contém representações lexicais (ou formas subjacentes) de morfemas, que forma o input para um **Gerador** (*Gen*), que dá origem a formas candidatas de output para algum input, e as submete a um **Avaliador**, que, por sua vez, é constituído de um conjunto de restrições ranqueadas, avalia os outputs candidatos quanto a seus valores harmônicos, e seleciona um candidato ótimo.

A única restrição verdadeira imposta a todos os outputs candidatos gerados por *Gen* é que eles sejam constituídos de elementos lícitos dos vocabulários universais da representação lingüística, tais como estrutura segmental, estrutura prosódica, morfologia, sintaxe.

Todas as mudanças estruturais são aplicadas de uma vez, em paralelo, e a avaliação dessas análises de candidatos, como dito anteriormente, é uma função do Avaliador, o componente de restrições ranqueadas. A hierarquia de restrições contém todas as restrições universais (um conjunto chamado Con), que são ranqueadas de modo particular a cada língua. Todas as restrições são ranqueadas uma em relação com a outra, de forma a excluir ranqueamentos variáveis e indeterminados.

A propriedade *Paralelismo* do Avaliador todas estabelece que as restrições pertencentes a algum tipo de estrutura interagem em uma única hierarquia. De acordo com Kager, num maior grau de sofisticação, o paralelismo é também a base de explicação de fenômenos envolvendo propriedades de interface.

Kager afirma ter encontrado profundas semelhanças entre as restrições que são impostas ao apagamento de segmentos do input e àqueles que passam por reduplicação total. O autor assevera que ambas as restrições exigem que os elementos do input, ou da base reduplicante, correspondam aos elementos do output ou do reduplicante. Nesse caso, o reduplicante, que é parte de uma forma de superfície, está sujeito a restrições de correspondência que exigem *identidade* com relação à sua base.

No que diz respeito à síncope no árabe palestino, Kager explica que o árabe palestino tem um conjunto de sufixos que apresentam um comportamento fonológico distinto. O autor revela que palavras derivadas de tais sufixos não permitem a aplicação de um processo de apagamento de vogal, o qual normalmente se aplica em palavras com padrões segmentais e acentuais análogos.

No árabe palestino, a vogal átona [i] de possessivos e acusativos está protegida do apagamento se sua vogal correspondente na palavra-base é acentuada. Kager afirma que o bloqueio da síncope do [i] nessa variedade do árabe é causado por um tipo de identidade com a base, a qual mantém formas morfológicamente relacionadas maximamente similares em sua forma fonológica.

Analisando o bloqueio da elisão nos monomorfemas, e ainda considerando a hipótese (i), percebemos que é pouco plausível que tal teoria explique o problema. Veja a tabela abaixo:

Esse + a Pron + Conc	Essa	Elisão da concordância ✓ essovelha
De + a Prep + (art+conc)	Da	Elisão de (art+conc) × *dovelha

A implausibilidade se deve ao fato de que o componente fonológico não pode interpretar o vocabulário morfossintático que carrega a informação de não permitir o apagamento de uma categoria morfológica que não poderá ser recuperada. Para a hipótese (i) ser confirmada, de alguma forma teria de ser possível que o componente morfológico enviasse uma mensagem para o componente fonológico, no nível pós-lexical, e este conseguisse interpretar essa mensagem, o que não acontece pelo fato de os dois componentes terem vocabulários distintos.

### 3.1.4 Morfologia Distribuída

Ainda explorando a possibilidade de ser uma categoria morfológica que bloqueia a elisão dos monomorfemas, tem-se uma outra teoria morfológica que apresenta uma interface com a fonologia e com a sintaxe, a Morfologia Distribuída. Anderson (1982) discute o papel da morfologia no componente lexical e

sintático e o autor defende que a morfologia não poderia ser totalmente processada no léxico, uma vez que os morfemas flexionais fazem referência a estruturas sintáticas.

Já em 1992, Anderson, segundo Sandalo (2001: 197), propôs que a unidade mínima da morfologia são traços, definidos como propriedades semânticas mínimas, os quais seriam manipulados pela sintaxe e a fonologia pós-lexical *resolveria como seriam pronunciados na superfície*. Esta teoria ficou conhecida como Morfologia Amorfa. Os trabalhos de Anderson abriram caminho para o desenvolvimento do Minimalismo (Chomsky (1993, 1995)) e da Morfologia Distribuída (Halle & Marantz (1993)).

De acordo com Halle & Marantz (1993), a Morfologia Distribuída (MD) combina traços da Morfologia Amorfa (Anderson, 1992) e alternativas da hipótese lexicalista. A MD aprova a separação dos elementos terminais envolvidos na sintaxe da realização fonológica desses elementos, e faz com que a realização fonológica dos elementos terminais na sintaxe seja governada por entradas lexicais (Vocabulário) que relacionam seqüências de traços morfossintáticos a seqüências de traços fonológicos.

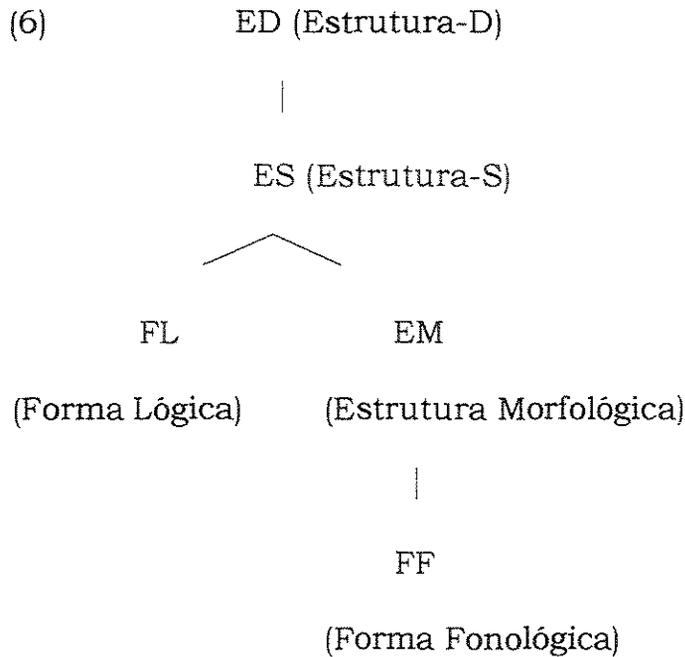
As “peças” morfológicas<sup>33</sup> organizadas hierarquicamente estão presentes em todos os níveis de representação de uma palavra, mas a MD não insiste na invariância dos formativos, permitindo que passem por modificações no curso da derivação.

Como as operações sintáticas combinam nós terminais para criar palavras antes da inserção do Vocabulário na MD, a teoria prediz que a estrutura das palavras, como o local hierárquico dos afixos, por exemplo, é determinada pela sintaxe, e não por quadros de subcategorização que são carregados por cada afixo.

A MD adota a organização básica de uma gramática de Princípios e Parâmetros (cf. Chomsky 1981, 1986, 1993 e 1995), adicionando um nível de Estrutura Morfológica, que está na interface entre a sintaxe e a fonologia, conforme diagrama abaixo:

---

<sup>33</sup> Ao invés de *peças*, utilizadas aqui como tradução de *pieces* (do inglês), que consta do original, opta-se por traduzir o termo como *formativo*. Essa opção evita que se confunda essas peças morfológicas com os tradicionais morfemas.



As representações em cada um dos cinco níveis consistem de grupos hierárquicos de elementos terminais graficamente representados por diagramas em forma de árvore. Esses elementos terminais das árvores consistem de complexos de traços gramaticais, e são supridos com traços fonológicos somente depois da inserção do Vocabulário em EM.

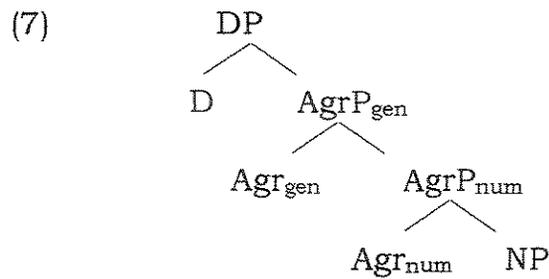
A MD reconhece que EM é um nível de representação gramatical com seus próprios princípios e propriedades, e que aparentes discrepâncias entre a organização dos formativos morfossintáticos e a organização dos formativos fonológicos são o

resultado de operações bem motivadas, manipulando elementos terminais nesse nível e em ED e ES.

Outros processos gramaticais podem perturbar a relação um-para-um entre elementos terminais na sintaxe e elementos terminais na EM, pois um elemento terminal pode ser movido de uma posição na árvore e adjungido a um elemento terminal em outra posição por movimento de núcleo; nós estruturalmente adjacentes podem ser concatenados (do inglês *merged*); nós terminais irmãos podem ser fundidos em um único nó terminal (fusão); e um determinado nó pode ser dividido em dois (sob a operação *fissão*).

A fusão, operação que mais interessa para esta pesquisa, toma dois nós terminais que são irmãos sob uma única categoria e os funde em um único nó terminal, reduzindo o número de morfemas independentes numa árvore.

Para o caso dos monomorfemas, propõe-se que o determinante é que bloqueia a elisão, por ser resultado da fusão entre os nós sintáticos terminais Det(erminante) e as concordâncias de gênero e número (Agr), já que em todos os casos de bloqueio a concordância é que não pode ser apagada.



A hierarquia entre  $\text{Agr}_{\text{gen}}$  e  $\text{Agr}_{\text{num}}$  para os nossos propósitos é irrelevante, a opção por ter colocado  $\text{Agr}_{\text{gen}}$  primeiro é simplesmente um reflexo da ordem linear pronunciada. Primeiramente, teríamos a concatenação entre as categorias de gênero e número, pois o resultado dessa operação é a inserção de dois itens do Vocabulário separados sob o núcleo derivado, um para cada um dos nós terminais concatenados.

Em seguida, de acordo com o procedimento de concordância de caso, número e gênero, que ocorre de modo similar à concordância sujeito-verbo principal, os sufixos de concordância são adjungidos a nós de adjetivos e determinantes e, em seguida, os traços associados ao núcleo N do DP são copiados.

Finalmente, dá-se a fusão entre o determinante e o resultado da concatenação entre número e gênero. É importante ressaltar que, segundo essa perspectiva, assume-se que o

determinante definido em português não é foneticamente realizado, e que sua realização, nesse nível, depende dos traços fonéticos das concordâncias de gênero e número.

Como a explicação do bloqueio da elisão em monomorfemas parte da consideração de que o monomorfema envolvido na seqüência é o resultado da fusão entre o determinante e as concordâncias de gênero e número, explica-se porque a elisão da vogal /a/ da preposição em *para o* [pru] é permitida, pois tal vogal é parte da preposição, e quando elidida deixa duas consoantes que representam o item em questão. O resultado formado é que não permitirá elisão, como o resultado da fusão de *de + o* e de *de + a* não a permite.

No entanto, permanece a questão de como o componente fonológico interpretaria a restrição do componente morfológico, conforme dito anteriormente. Além disso, não haveria explicação para o fato de que as vogais finais das primeiras palavras de seqüências como as seguintes podem ser elididas:

- (8) **essa** humildade      [ɛ**su**miw'dade]
- (9) **essa** ovelha      [ɛ**so**'veʎa] Bisol (2000: 329)
- (10) **uma** oração      [ɪ**u**ora'sãw]
- (11) **ela** é bonita      [ɛ**l**ɛbo'nita]
- (12) **pela** universidade      [pɛ**l**uni,versi'dade]

Uma outra possibilidade de se analisar a elisão dos monomorfemas, ainda dentro do quadro teórico da MD, seria considerar como ilegítima a fusão entre um nó funcional e um nó lexical. No esquema apresentado acima, seria proibida a concatenação do nó que abriga o resultado da fusão do determinante mais as projeções de concordância com a projeção máxima lexical NP. No entanto, essa alternativa prevê que seria sempre impossível concatenar um nó funcional com um nó lexical, o que não corresponde aos fatos da língua (cf. exemplos acima).

No que se refere exclusivamente ao sândi vocálico externo, Bisol (2000) explicita que o fenômeno é mais restrito em seqüências do tipo palavra funcional mais palavra lexical, mas

não é bloqueado totalmente. Segundo a autora, a restrição dos monomorfemas se faz mais presente nesse tipo de seqüência.

A partir de um teste de percepção com falantes nativos, constatou-se que as seqüências acima são consideradas aceitáveis com a elisão da primeira vogal. O que resta de inaceitável são seqüências que envolvem monomorfemas ou que apresentam as restrições fonológicas apontadas por Bisol (1992, 1996b e 2000), Abaurre (1996) e Abaurre *et alii* (1999). Portanto, não há bloqueio categórico em casos envolvendo item funcional mais item lexical.

A partir dessas considerações, pode-se concluir que não é possível explicar o bloqueio da elisão dos monomorfemas pela impossibilidade de se apagar uma categoria funcional, morfossintática, e que também desempenha um papel importante no que diz respeito à definitude, o determinante. Segue, então, a busca dessa explicação na própria fonologia, levando-se em conta a segunda hipótese, em que o próprio componente fonológico proíbe a elisão.

### 3.1.5 Discutindo a segunda hipótese

Para considerar a hipótese (ii), tanto o modelo teórico da Fonologia Lexical quanto da Morfologia Distribuída estão descartados, visto que dizem respeito a regras morfológicas impedindo a aplicação de regras fonológicas no componente pós-lexical. Será verificada, então, a plausibilidade da hipótese (ii) segundo a Morfologia Prosódica baseada na TO, modelo teórico que aparentemente é o mais promissor para que se consiga uma explicação satisfatória do fenômeno.

Tendo em mente a síncope do [i] no árabe palestino, e também o truncamento em algumas línguas, temos que o requerimento de que as vogais na base (ou no input) e na forma truncada (ou no output) sejam idênticas produz um tipo de *underapplication* da distribuição alofônica na forma truncada (ou output). A realização alofônica é bloqueada porque poderia impedir a identidade entre a forma truncada e sua base.

Dessa forma, pode-se pensar que não seja exatamente o fato de um segmento ser um monomorfema que bloqueia a elisão, mas o fato de ser um monossílabo. Se assim for, o bloqueio da elisão será sobre monossílabos, dos quais o núcleo

não pode ser apagado sob o risco de violar a preservação da identidade fonológica.

A questão que resta, sob essa perspectiva, é efetuar o ranqueamento das restrições, em que uma restrição responsável por manter monossílabos intactos esteja hierarquicamente mais alta que uma restrição que permita o apagamento de segmentos<sup>34</sup>.

Para o PB, essa solução pode ser plausível, pois nesta variedade do português não há elisão nos monossílabos. Em casos de contração de preposição, é necessário que a contração ocorra no léxico e então, no nível pós-lexical, os monossílabos não poderiam ser elididos. Se a degeminação é realmente um processo diferente do apagamento de vogais, então consegue-se explicar porque a degeminação ocorre com monossílabos, mas não a elisão.

Para os dados do PE, no entanto, o caso não é tão simples, pois a elisão da vogal final de monossílabos terminados em [i] é possível. Uma solução para esse impasse é considerar que essa vogal (pela sua qualidade) sempre se apaga, o que pode ser comprovado mesmo em outros contextos, independentemente da

---

<sup>34</sup> Uma análise mais detalhada baseada na TO foge ao escopo desta pesquisa, o que poderá ser feito em trabalhos futuros.

posição que tal vogal ocupa no item lexical (cf. Mateus & d'Andrade, 2000).

Com relação ao PA, vale ressaltar que as vogais elididas não apareciam grafadas, e os monossílabos que permitiam a elisão poderiam conter as vogais [e] ou [i]. Apesar de não ser possível determinar a qualidade exata da vogal que poderia ser elidida, pode ser que também houvesse uma permissão do apagamento por causa da qualidade da vogal<sup>35</sup>. Além disso, os estudos sobre o PA indicam que a queda da vogal final é mais freqüente em monossílabos, o que reforça a hipótese de que a restrição seja sobre o apagamento de vogais pertencentes a monossílabos.

Portanto, parece ser possível que a restrição sobre o bloqueio de monomorfemas não se dá pelo fato de a vogal a ser elidida constituir um monomorfema, mas por ser um monossílabo, ou seja, a restrição é muito mais prosódica que morfológica. Assim, o componente fonológico bloqueia a aplicação da regra com a finalidade de preservar um segmento (e não um morfema).

---

<sup>35</sup> Nesse ponto da pesquisa, tal afirmação é mais especulativa, e requer um número maior de pesquisas que revelem mais detalhes do fenômeno.

Não pretendemos, no entanto, fechar aqui a discussão sobre o modelo mais adequado para explicar a proibição da elisão dos monossílabos. Pelo contrário, faz-se necessário averiguar se uma abordagem derivacional não é suficiente para explicar o fenômeno, assim como também se faz necessário analisar mais detidamente o fenômeno segundo a TO, abordagem representacional, afim de que se possa obter uma melhor explicação dos fatos lingüísticos aqui levantados.

### **3.2 Degeminação: Fusão ou Apagamento?**

Bisol (1992) discute a pertinência de se considerar a degeminação como o resultado de uma fusão entre dois núcleos silábicos idênticos, sob a atuação do Princípio do Contorno Obrigatório, ou o apagamento de um desses núcleos. Segundo a autora, foneticamente, as vogais não acentuadas têm traços diferentes, e seria um tanto problemático considerá-las como idênticas.

Como o resultado da degeminação é sempre uma vogal com maior grau de sonoridade (mais claramente perceptível),

Bisol explica que poderia ser o caso de a vogal mais fraca ser apagada. Muitas vezes tem sido colocado que degeminação e elisão são processos muito parecidos, opostos à ditongação, e que considerar a degeminação um caso especial de elisão simplificaria a gramática interna dos falantes da variedade de que estamos tratando.

Bisol (1992) argumenta, a favor da degeminação como um processo de fusão, que as diferenças fonéticas das vogais, relativas às posições que as mesmas ocupavam na palavra, desaparecem como consequência do desaparecimento da sílaba no decorrer da ressilabação. Uma vez que o limite dos itens lexicais foram perdidos, as variantes posicionalmente condicionadas também se perderiam. Isso permitiria que os fatos fossem interpretados como fusão e excluiria a possibilidade de interpretar a regra como sendo de apagamento.

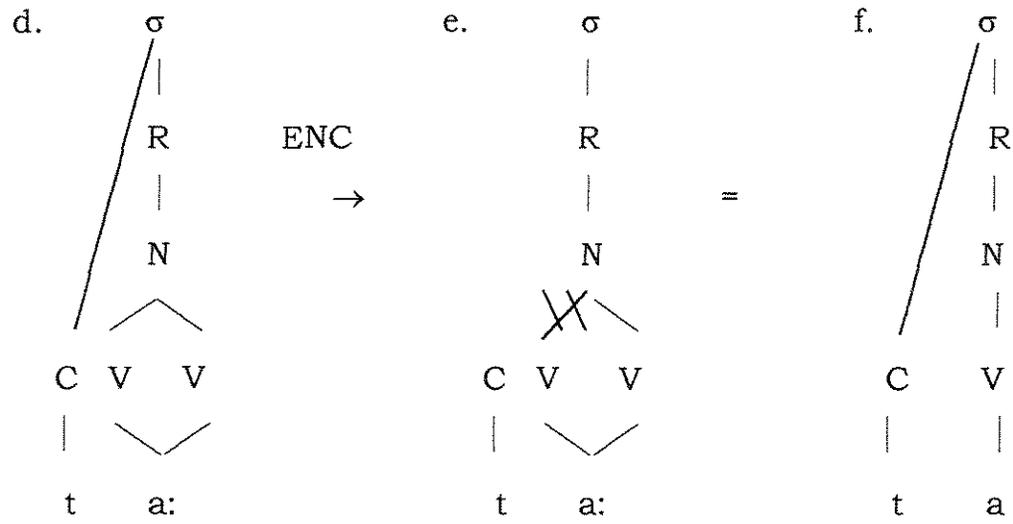
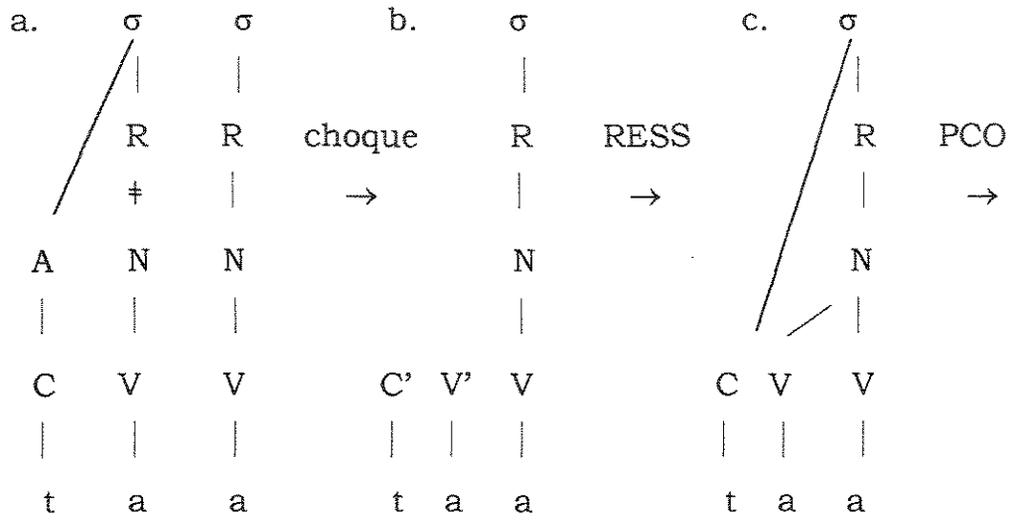
No entanto, não é fornecida nenhuma evidência de que a degeminação seja um processo de fusão ou que, ao contrário, não possa ser considerada um processo de apagamento. Bisol (1996b), ao tratar o sândi como fenômeno decorrente de choque de picos silábicos, não considera mais a degeminação como fusão. A partir da análise dos monomorfemas, é possível

argumentar que a degeminação é mesmo uma operação de fusão, resultante da atuação do PCO.

Como pôde ser observado na seção anterior, a elisão de monomorfemas é bloqueada pelo fato de a vogal que seria apagada pertencer a uma estrutura silábica mínima que não poderia ser recuperada se elidida. De modo diverso, a degeminação nos monomorfemas é permitida e, desse modo, pode-se afirmar que elisão e degeminação são, na realidade, processos distintos.

Outro ponto que merece ser discutido a respeito da degeminação é a implementação técnica da ressilabação, explicitada no capítulo anterior e reproduzida aqui para maior comodidade do leitor:

(13)

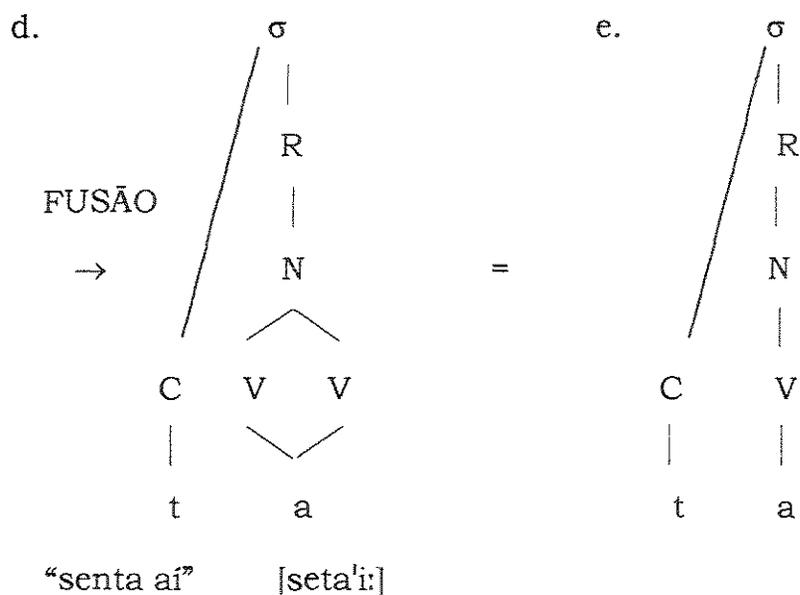


“senta aĩ” [seta'li:]

Resumindo, o choque nuclear (13a) que dá início ao processo de sândi apaga a primeira sílaba (13b) e, depois de formar o ataque (13c), a ressilabação junta as duas vogais na rima subsistente. As duas vogais passam a ter apenas uma representação no nível melódico, pois a seqüência de vogais idênticas é proibida pelo Princípio do Contorno Obrigatório (13d). A seguir atua uma regra de encurtamento, reduzindo as duas vogais a uma só (13e).

Conforme consta do diagrama acima, as duas vogais, depois da atuação do PCO, resultam em uma vogal longa para depois passarem pela regra de encurtamento. Aqui, poder-se-ia verificar se não há um meio mais econômico de atuação do PCO, em que haja simplesmente uma fusão dos dois núcleos, sem a necessidade de regras de reestruturação, ou seja, “alonga-se” para depois “encurtar”. A operação ficaria, então, da seguinte maneira:





A atuação do PCO se dá fundindo duas vogais numa só, sem alongá-las. Assim, o PCO seria o responsável pela fusão, já que a mesma elimina segmentos idênticos. A partir dessa reformulação da operação que resulta na degeminação, acreditamos ter conseguido uma implementação técnica mais econômica, com a eliminação de um passo que, a nosso ver, seria supérfluo, obtendo os mesmos resultados que tinham sido garantidos por Bisol (1992 e 1996b). Ainda assim, resta um problema com a abordagem de Bisol (1996b), pois considerar a degeminação como um processo de fusão é considerá-la um tipo de neutralização absoluta.

Tenani (2002), ao analisar a duração dos encontros vocálicos resultantes da degeminação, comprova que a duração do produto da degeminação é menor que a duração de duas vogais. Segundo essa pesquisadora, a média da duração de uma vogal simples é de 114ms para a posição postônica e de 197 para a posição pretônica, para as vogais dos dados por ela considerados.

O intervalo vocálico que passa por degeminação resulta num segmento com duração que pode ser interpretado como uma única vogal. No exemplo abaixo (tirado do capítulo 2 de Tenani (2002)), a duração da vogal resultante da degeminação é de 99ms:

(15) O Pedro comprou laranja. **Alegaram** falta de provas.

Quando a primeira vogal é acentuada, Tenani atesta valores de duração entre 152 a 354ms, sendo que a maioria fica abaixo de 300ms. No caso de a segunda vogal ser acentuada, o padrão encontrado é de 251 a 582ms, e a maioria se situa acima de 300ms. Tenani assume, então, que abaixo de 300ms houve

degeminação, e durações abaixo de 250ms constituem uma vogal simples.

Levando-se em consideração os resultados de Tenani, torna-se possível, então, comprovar o caráter de fusão que a degeminação apresenta, conforme Bisol descreveu e explicitou em seus trabalhos.

## **Conclusão**

Através da descrição e análise do sândi vocálico externo envolvendo monomorfemas em três gramáticas do português (português arcaico, português brasileiro e português europeu moderno), foi possível constatar que, em se tratando de monomorfemas, a elisão da vogal final é quase sempre bloqueada.

A partir dessa constatação, foram analisados alguns modelos teóricos que poderiam explicar tal bloqueio, como a Fonologia Lexical, a Morfologia Prosódica, na sua versão Clássica e segundo a Teoria da Otimalidade, que trata da interação entre a morfologia e a prosódia, e também a Morfologia Distribuída.

Foram investigadas duas hipóteses que poderiam explicar o bloqueio da elisão quando a primeira vogal era um monomorfema: (i) devido ao fato de a vogal ser, por si só, um morfema, a morfologia se encarregaria de bloquear o processo fonológico; e (ii) o próprio componente fonológico conseguiria evitar o desencadeamento da elisão, sob o risco de que uma categoria morfológica fosse perdida. A degeminação, ao contrário da elisão, é sempre possível mesmo quando se trata de monomorfemas.

A hipótese (a) foi investigada sob a ótica de três modelos teóricos diferentes, citados anteriormente: Morfologia Flexional, Morfologia Prosódica Clássica e Morfologia Prosódica baseada na TO. A conclusão a que se chegou é que (1) o bloqueio da elisão constitui mesmo um problema para a Morfologia Flexional; (2) a primeira hipótese (i) não se verifica como plausível em nenhum modelo da Morfologia Prosódica, pelo fato de o componente

fonológico não ser capaz de interpretar uma restrição imposta por outro componente, no caso, o morfológico.

A partir da investigação realizada, pode-se concluir que não é possível explicar o bloqueio da elisão dos monomorfemas pela impossibilidade de se apagar uma categoria funcional, morfossintática, e que também desempenha um papel importante no que diz respeito à definitude, o determinante.

A segunda hipótese foi analisada apenas de acordo com o modelo da Morfologia Prosódica baseada na TO, pois essa talvez seja a única opção para solucionar o problema, já que trabalha com hierarquia de restrições e possibilidade de violação das restrições que estão ranqueadas num nível mais inferior.

Com a discussão levantada, parece mesmo que tal modelo possa explicar o bloqueio da elisão de monomorfemas, não pelo fato de serem um morfema, mas por serem monossílabos. Daí, a restrição que bloqueia o fenômeno diz respeito ao número de sílabas da palavra que terá sua vogal elidida, sem necessidade de se recorrer a outro componente da gramática.

No entanto, há ainda muito que se investigar sobre a elisão de monomorfemas/ monossílabos, verificando também se uma teoria derivacional não daria conta dos mesmos fatos

lingüísticos. Como não foi realizada aqui uma investigação mais detalhada do bloqueio da elisão, mas tão somente uma discussão do que os modelos teóricos poderiam oferecer para a explicação do fenômeno, tal empreitada poderá ser realizada em estudos futuros.

Não foram analisadas aqui seqüências que bloqueiam a elisão envolvendo formas verbais que portam a vogal a ser elidida. A vogal nesses contextos é também um morfema flexional, mas diferentemente da elisão de monomorfemas, se há um outro elemento na sentença que assegure a informação veiculada pelo morfema gramatical, a elisão se torna possível.

Esse tópico também pode constituir tema para pesquisas futuras, bem como uma análise mais detalhada da degeminação envolvendo monomorfemas no PE, com medição dos intervalos vocálicos e cálculo da média da duração das vogais envolvidas no sândi e do desvio-padrão, o que possibilitaria uma maior compreensão de tal processo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABAURRE, M. B. M. 1996. Acento frasal e processos fonológicos segmentais. In: BISOL, L. (org.). *Letras de hoje* **104**: p. 41-50.
- ABAURRE, M. B. M., Charlotte C. Galves & Ester M. Scarpa. 1999. A interface fonologia-sintaxe. Evidências do português brasileiro para uma hipótese *top-down* na aquisição da linguagem. In: SCARPA, E. M. (org.). *Estudos de prosódia*. Campinas: Unicamp.
- ABAURRE, M. B. M., Charlotte C. Galves, Arnaldo Mandel & Filomena Sandalo. 2001. The Sotaq optimality based computer program and secondary stress in two varieties of Portuguese. *Rutgers Optimality Archive*, 463-0801.
- ANDERSON, S. 1982. Where is Morphology? *Linguistic Inquiry* **13**: p. 571-612.
- \_\_\_\_\_. 1992. *A-morphous Morphology*. Cambridge, Cambridge University Press.

- BISOL, L. 1992. Sândi vocálico externo: degeminação e elisão. In: ABAURRE, M. B. M. & W. L. Wetzels (orgs.). *Cadernos de estudos lingüísticos* **23**: p. 83-101.
- \_\_\_\_\_. 1996a. O sândi e a ressilabação. In: BISOL, L. (org.). *Letras de hoje* 104: p. 159-168.
- \_\_\_\_\_. 1996b. Sândi externo: o processo e a variação In: KATO, M. (org.). *Gramática do português falado. Vol. V: convergências*. Campinas: FAPESP/Unicamp, p. 55-96.
- \_\_\_\_\_. 1999. O sândi e a sintaxe. In: AGUILERA, V. de A. *Português no Brasil: estudos fonéticos e fonológicos*. Londrina: Editora UEL, p. 1-3.
- \_\_\_\_\_. 2000. A elisão, uma regra variável. In: BISOL, L. (org.). *Letras de hoje* **119**: p. 319-330.
- BOBALJIK, J. 1995. *Morphosyntax: The syntax of verbal inflectional*. Doctoral Dissertation, MIT, Cambridge, Mass.
- CHOMSKY, N. 1981. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris.
- \_\_\_\_\_. 1986. *Barriers*. Cambridge, MA, MIT Press.
- \_\_\_\_\_. 1993. A minimalist program for linguistic inquiry. In: HALE, K. & KEYSER, J. (eds.) *The view from building 20*. Cambridge, MA, MIT Press.
- \_\_\_\_\_. 1995. *The minimalist program*. Cambridge, MA, MIT Press.
- CLEMENTS, G. N. 1989. *A unified set of features for consonants and vowels*. Preliminary Version, Institut de Phonétique, Paris.
- CONDORAVDI, C. 1990. Sandhi Rules of Greek and Prosodic Theory. In: INKELAS, S. & D. Zec (eds.) *The Phonology-*

- CONDORAVDI, C. 1990. Sandhi Rules of Greek and Prosodic Theory. In: INKELAS, S. & D. Zec (eds.) *The Phonology-Syntax Connection*. Chicago/London: The University of Chicago Press.
- CUNHA, C. F. 1961. *Estudos de Poética Trovadoresca - Versificação e Ecdótica*. Rio de Janeiro: MEC/Instituto Nacional do Livro.
- \_\_\_\_\_. 1980. Gramática do português contemporâneo. 8ª ed. Rio de Janeiro: Padrão Editora.
- FROTA, S. 2000. *Prosody and focus in European Portuguese: phonological phrasing and intonation*. NY & London: Garland Publishing.
- GALVES, C. 2001. *Ensaio sobre as gramáticas do português*. Campinas: Ed. da Unicamp.
- HALLE, M. & MARANTZ, A. 1993. Distributed Morphology and the pieces of inflection. In: HALE, K. & S. J. Keyser (eds.) *The view from building 20*. Cambridge, MA, MIT Press.
- HAYES, B. 1989. The prosodic hierarchy in meter. In: Kiparsky, P. & G. Youmans (eds.) *Phonetics and Phonology. Volume 1: Rhythm and Meter*. Academic Press.
- \_\_\_\_\_. 1995. *Metrical Stress Theory - Principles and Case Studies*. Chicago/London: University of Chicago Press.
- HYMAN, L. M. 1985. Word domains and downstep in Bamileke-Dschang. *Phonology Yearbook 2*: 45-83.
- ITÔ, J. 1986. *Syllable Theory in Prosodic Phonology*. PhD dissertation. University of Massachusetts.
- KAISSÉ, E. M. 1985. *Connected Speech: The Interaction of Syntax and Phonology*. Orlando: Academic Press.

- KAGER, R. *Optimality Theory*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- KENSTOWICZ, M. 1994. *Phonology in Generative Grammar*. London: Basil Blackwell.
- KIPARSKY, P. 1985. Some consequences of lexical phonology. *Phonology Yearbook 2*: 85-138.
- MARANTZ, A. 1982. Re Reduplication. *Linguistic Inquiry* **13**: 483-545.
- MASSINI-CAGLIARI, G. 1999a. *Do poético ao lingüístico no ritmo dos trovadores: três momentos na história do acento*. Araraquara: FCL/Laboratório Editorial/UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica Editora.
- \_\_\_\_\_. 1999b. *O fenômeno fonológico da elisão nas cantigas de amigo*. Comunicação apresentada no XXII Symposium on Portuguese Traditions (Europe, America, Africa, Asia). Los Angeles: University of California, Los Angeles (UCLA). Department of Spanish and Portuguese. 17 e 18 de abril de 1999.
- \_\_\_\_\_. 2001. *Elisão nas cantigas profanas galego-portuguesas: processo obrigatório ou opcional?* Comunicação apresentada no IV EIEM - Encontro Internacional de Estudos Medievais. Promoção: Associação Brasileira de Estudos Medievais (ABREM) e Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Belo Horizonte: PUC Minas, 04 a 06 de julho de 2001.
- MATEUS, M. H. & Ernesto d'Andrade. 2000. *The phonology of Portuguese*. NY: Oxford University Press.
- MCCARTHY, J. J. & A. Prince. 1986. *Prosodic Morphology*. MS, University of Massachusetts and Brandeis.

- \_\_\_\_\_. 1995. *Prosodic Morphology*. In: GOLDSMITH, J. A. *The handbook of phonological theory*. London: Basil Blackwell.
- MICHAËLIS DE VASCONCELOS, C. 1912-1913. *Lições de Filologia Portuguesa (segundo as prleções feitas aos cursos de 1911/12 e de 1912/13) Seguidas das Lições Práticas de Português Arcaico*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, s/d.
- MOHANAN, K. P. 1986. *The theory of Lexical Phonology*. Dordrecht: Reidel.
- NESPOR, M. & I. Vogel. 1986. *Prosodic Phonology*. Dordrecht: Foris Publications.
- NUNES, J. J. 1969. *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa – Fonética e Morfologia*. 7<sup>a</sup> ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora.
- SANDALO, F. 2001. Morfologia. In: MUSSALIM, F. & A. C. Bentes. *Introdução à Lingüística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, p. 181-206.
- STERIADE, D. 1988. Reduplication and syllable transfer in Sanskrit and elsewhere. *Phonology* 5: 73-155
- TENANI, L. E. 2002. *Domínios prosódicos no português do Brasil: implicações para a prosódia e para a aplicação de processos fonológicos*. Tese de Doutorado. Campinas: Unicamp.
- VELOSO, B. S. 1999. *Levantamento e análise preliminar dos processos fonológicos observados na fala de homens do campo no interior de Goiás nos diálogos com profissionais de Ciências Agrárias. Relatório Final do PIBIC/CNPq/UFG*. Goiânia: UFG (mimeo).
- \_\_\_\_\_. 2000. *O sândi vocálico externo na fala de profissionais de Ciências Agrárias e homens do campo goianos. Relatório Final do PIBIC/CNPq/UFG*. Goiânia: UFG (mimeo).

VIGÁRIO, M. (2001) *The Prosodic word in European Portuguese*.  
PhD Dissertation. University of Lisbon.

## **ANEXOS**

**ANEXO 1 – Exemplo de transcrição ortográfica do *corpus* de língua falada de diálogos entre homens do campo e profissionais de Ciências Agrárias no interior do Estado de Goiás**

**FICHA TÉCNICA**

Fita n°: 12.1

Investigador: Brenda Veloso

Data: 11/98

Tempo de Gravação: 62 min

Lugar da Gravação: Itaberaí-GO

Tema da Situação Comunicativa: Apresentação de análise mensal da atividade leiteira ao produtor rural

Tom: Informal

Tipo de Discurso: Conversação

Técnica de Gravação: Conversação livre, observador não-participante e gravação secreta

Número de Participantes: 6

Sexo: Masculino=A, B, C, F Feminino=D, E

Idade: A, F>35; B, E>25; C, D<25

Profissões e/ou tipo de relação que os une: A=Produtor rural; B=Agrônomo; C e D=Estagiários do curso Administração rural (Escola de Agronomia da Universidade Federal de Goiás); E=Empregada doméstica de A; F=Amigo de A

- 1) F: seu Zé
- 2) A: agora que eu cheguei
- 3) B: bom? Como que o senhor tá?
- 4) A: jóia. eu cheguei, tem cinco minuto que eu  
cheguei
- 5) B: ah é?
- 6) A: é. tá tudo, aquela papelada, vai levá aquela papelada?
- 7) B: vô não
- 8) B: aquelas outras nós precisamos de ó
- 9) C: eu pensei que vinha amanhã. eu falei hoje à noite eu faço né
- 10) B: ãh
- 11) A: que normalmente vem aqui é sábado, né? ãh?
- 12) B: é que nós marcamo pessoalmente
- 13) A: eu cheguei agora. (vo)cês vira(m) ali, pus lá atrás, tava calor, eu  
achei melhor tirá a camisa, pô uma bermuda
- 14) A: vamo sentá
- 15) B: a gente, a gente queria dá uma, uma volta também aí na fazenda
- 16) A: o inventário do gado ficou pronto, ó
- 17) B: uhm hum
- 18) B: que que é isso aqui? vinte?
- 19) A: uhm
- 20) B: o senhô tem vinte e três animais e cresceu
- 21) A: uhm, esses animais que tá é pequeno né?
- 22) B: que ano?
- 23) A: quinze de um a dois ano né. esses vinte e três aqui é de
- 24) B: menos de um ano
- 25) A: de menos de um ano
- 26) B: quantas bezerra e quantos bezerro?
- 27) A: é só fêmea. macho eu vendo tudo nesse preço

- 28) B: ah
- 29) A: e aqui tem quarenta e uma vaca, é, tem trinta e três dando leite e oito  
seca
- 30) A: senta
- 31) D: vou sentá
- 32) B: (risos)
- 33) A: qué vê? em vez de eu mandá isso aqui pra (v)ocês aí eu podia fazê isso  
e mandá né?
- 34) B: por fax
- 35) A: uhm
- 36) B: por fax
- 37) A: ou por fax, ou mandá entregá lá onde (v)ocês marcá o lugar de entregá
- 38) B: por fax tem
- 39) A: que o bom é eu fazê isso aqui, que eu sei tudo né
- 40) B: uhm hum
- 41) B: então manda por fax. é o mesmo número
- 42) B: isso aqui nós ficamo devendo que o pessoal, o pessoal se interessou  
nessa
- 43) B: M., pega a camisa pra ele fazendo favor
- 44) B: aquele dia que o senhor foi embora mais cedo o senhô esqueceu sua  
camisa né?
- 45) A: que aí, se (v)ocê quisé também eu faço e mando meu menino levá a folha  
né?
- 46) B: uhm hum
- 47) A: entrega lá diretamente na onde (v)ocês mandá entregá
- 48) B: vamo deixá assim. que aí ele faz (dirigindo-se a C)
- 49) B: ele o senhor faz e a gente liga e manda por fax ou o seu filho leva

- 50) B: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX<sup>1</sup>
- 51) D: hum
- 52) C: aqui ó
- 53) B: não tem gegê não
- 54) C: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX
- 55) B: ah é
- 56) A: mas eu fiquei contrariado lá rapaz. eu achei que eu ia sê o primeiro ou segundo, mas o dia que o rapaz vei(o) pegá os dado aqui eu não tava aqui. Pegou com o vaqueiro, né
- 57) B: ah, o senhor tá falando lá na na na ná
- 58) A: é lá naquele concurso lá
- 59) B: ah tá
- 60) A: fiquei em quinto lugar. podia tê ganhado a ordenhadeira, né, ou o botijão de oxigênio
- 61) A: mas no meio de sete mil tirá o quinto tá bom né
- 62) B: tá bom, nossa
- 63) A: aí (vo)cê que sabe também se (vo)cê quisé, é nós passa pela, a ração, leite, esses trem pode repetí tudo do mês passado
- 64) B: não, não, pode deixá aí o senhô faz e ou passa um fax pra gente
- 65) A: eu vou tê que passá esse fax pra (v)ocê segunda-feira, né?
- 66) B: é, não tem problema não
- 67) A: porque amanhã é sábado, tá tudo fechado
- 68) B: âham, eu vou anotá o número do fax aqui
- 69) A: só
- 70) B: âham
- 71) B: aqui ó, aquele dia o senhô saiu aí o senhor não pegou a sua a sua camisa
- 72) A: aí...

---

<sup>1</sup> Indica que o trecho está incompreensível.

- 73) B: e o fax é esse aqui ó, pus na ficha antiga tá?
- 74) A: tá
- 75) B: telefax aqui
- 76) B: o senhô tá com o seu gerador?
- 77) A: não precisa pô aos cuidados de ninguém não?
- 79) B: não isso aqui cai direto lá para gente
- 80) A: então tá
- 81) B: o senhô tá com os dados que foi foi entregue na fazenda, é lá na  
reunião, aquela pasta
- 82) A: tô
- 83) B: tá? traz lá para mim vê pra o senhor
- 84) B: senta, senta aí (dirigindo-se a C, D e I)
- 85) D: XXXXXXXXXXXXX disse
- 86) B: (risos) agora nós vamo andá na fazenda aí pra (v)ocê vê as instalação,  
perguntá pra ele como é que é o sistema que aqui quase não tem gado  
nenhum
- 87) C: é com o quê que ele mexe?
- 88) B: agricultura, né
- 89) A: eu já vim sem almoçar, que se fosse pra esperá almoço não
- 90) B: ah eu também não almocei não. Tô sem almoço até agora
- 91) A: (vo)cê já foi lá no Paulo, no José?
- 92) B: já
- 93) A: já?
- 94) B: já
- 95) A: o Zé Eduardo hoje é fácil porque dia de semana ele tá
- 96) B: é, mas ele não tava lá não. falou assim que só lá pra cinco
- 97) A: esses cara não fora(m) lá não que que eles falou lá pra (v)ocê, que não  
foi por quê?

- 98) B: a dona Luzia não tava lá não, aí até a semana que vem talvez a gente vai voltá aqui
- 99) B: não, não é esse aqui não. é essa pasta com o senhor.
- 100) B: essa é a do contrato
- 101) B: é essa pasta aqui ó. tem uns gráficos. foi entregue lá
- 102) A: ah, essa aqui é, não essa aqui foi do seminário de irrigação
- 103) B: é
- 104) A: não, essa aqui também não
- 105) B: não
- 106) A: hum?
- 107) B: não, é não
- 108) D: então deixa com ele as que (vo)cê trouxe, ué
- 109) B: não, eu vou precisá dele
- 110) D: (vo)cê não trouxe não?
- 111) B: já entregou, né
- 112) C: você entregou no dia, só falta(m) agora as quatro média do
- 113) B: é aqui ó, é uma pasta assim
- 114) A: eu achei que ela tava aqui dentro
- 115) B: só trouxe guardado de cabeça
- 116) B: aqui é só no máximo uma hora e meia só. jogo rápido.
- 117) B: eu vou ligá o turbo pra lá de novo
- 118) B: eu corri muito? só um pouquinho, né
- 119) C: ah, eu não esquento com isso não, por mim...
- 120) B: é porque se é a Aline que vem dirigindo ela corre muito mais do que eu
- 121) D: aha, eu não pego esse carro seu mais nunca
- 122) B: coitada, (v)ocê é que vai voltá dirigindo
- 123) D: ah, doce ilusão
- 124) B: ãh? uai, por que?

125) B: essa. essa é pra o senhô respondê pra gente com relação à vida útil do tanque de expansão, porque lá não tem. o senhor comprou tanque de expansão agora, não comprou?

126) A: comprei

127) B: pois é, a vida útil

128) A: é muito difícil de marcá a vida útil de um tanque daquele, mas eu tenho um aí com vinte e um ano e tá novinho

129) B: aquele é imersão, né?

130) A: não, é a mesma coisa desse aí, só que é meno(r), e agora comprou um grande

131) B: pois é, o que o senhor comprou agora é

132) A: é de dois mil litro, o outro era quatrocentos, mas o tanque é um só, de inox, não acaba nunca. aí depende muito do tipo de tratá ele, né. tem cara que compra um automóvel dura vinte ano, tem um cara que compra um automóvel ele dura só seis mês acaba com ele tudo, né

133) B: quanto tempo o senhô acha que vai durá na sua propriedade?

134) A: no mínimo, no mínimo vinte ano, um tanque daquele, né

135) B: considerando já essa questão de conservação

136) A: porque o inox não muda nunca, se você vê o meu tanque de vinte e um ano (v)ocê fala que tem só seis meses de uso. tá do jeitinho que comprou. porque ele não sai do lugá, todo dia que (vo)cê tira o leite (vo)cê lava ele bem lavadinho, pronto. não bate nada nele, não mexe. agora

[ao telefone]

137) F: alô, ele não tá aqui não, quem que qué falá com ele? uai, não tô sabendo não. espere aí

138) A: alô, quem tá falando? ah, não o Júlio tá na rua, é difícil, viu, o Júlio é imprevisível. a mesma hora que ele não tá chegando ele já tá chegando, outra hora que ele lá da rua ele de lá ele já vai embora pra

casa dele em Goiânia. mas eu vi ele tem uns vinte minuto, XXXXX que eu cheguei de Goiânia agora, ele passou lá onde eu tava. mas ele vai pra Goiânia, agora eu não sei, porque eu não vi ele, porque eu fui pra Goiânia hoje e cheguei de Goiânia agora. eu não conversei com ele. eu não sei se ele vai voltá pra Goiânia hoje ou amanhã, mas à noite (v)ocê pode ligá aqui porque se ele não voltá pra Goiânia ele tá aqui. tá. nada

[de volta]

139) A: pode servi. tem leite, tem café, tem gente que às vezes não bebe refrigerante, não gosta de engordá, né

140) D: não

141) A: (Vo)cê não toma refrigerante?

142) D: tomo sim

143) A: tem leite também. tem café

144) D: não, tá ótimo

145) B: aqui é o seguinte ó. esses dados que foi, que fora(m) entregues na sua pasta, referente aos seus dados, né, aqui vem o produtor, seu nome, né, e todos os dados, a cidade e a categoria. o senhô foi classificado como grande produtor, porque o senhô produz acima de quinhentos litros. acima de quinhentos litros pra gente é grande produtor

146) B: essa primeira tabela aqui que tem, essa primeira é tabela que tem, ela é referente aos percentuais, tá, então isso aqui não são valores absolutos, ou seja, não são valores em reais. então tipo assim, alimentos concentrados, no mês de outubro, ele, ele, ele pesou vinte e quatro, é vinte e oito ponto cinqênta e quatro por cento do custo de produção

147) A: é, mas tem mês que pesa mais, tem mês que pesa menos. Se (vo)cê compra pesa mais, quando (vo)cê não compra...

- 148) B: Isso é aqui abril o senhô comprou, foi pra cinqüenta e cinco por cento. Então cinqüenta e cinco por cento do custo de produção foi devido a alimentos concentrados no mês de abril, tá, agora na média, então na média, é, ele pesou vinte e quatro por cento. Então aqui ó, esse aqui
- 149) A: na categoria a média é dezenove
- 150) B: dezenove. então o senhô entendeu? essa, essa coluna aqui é são os seus dados
- 151) A: é a minha. essa aqui é a média do grupo
- 152) B: da, do grupo só de grandes
- 153) A: da categoria grandes
- 154) B: só de grandes produtores, né, então olha aí. grandes produtores, por exemplo. mão de obra temporária, um e quarenta e quatro, o seu foi zero dezessete
- 155) A: como é que eu fiquei no meu grupo? porque o Joãozinho Paulista fala que foi o primeiro né
- 156) B: ah, é mas é isso nós não
- 157) A: não fez a classificação
- 158) B: não, não por grupo não. nós fizemo só, pegamo só o melhor de cada, cada grupo, tá. então esse aqui tá a média, a média mensal né, de outubro a setembro, da sua propriedade em termos percentuais e da categoria, tá. então depois, vamo guardá só esse aqui pra o senhor vê um negócio
- 159) B: bom, esse primeiro gráfico aqui que nós mostramo lá é rentabilidade total. então o que que é rentabilidade total. é receita total da venda de leite e da venda de animais, menos o custo total. aí nesse custo total tá considerado depreciação, seguro e juros
- 160) A: sei

- 161) B: então por isso que aqui ó, a média mensal , ó a média mensal da amostra é menos dois mil e novecentos
- 162) A: a minha deu mil e duzentos
- 163) B: qué dizê que você tá perdendo menos do que
- 164) A: cinqüenta, sessenta por cento menos do que a média geral
- 165) B: do que a média geral, né. isso aqui considerando o desgaste das benfeitorias, de tudo, tá
- 166) B: então aqui você teve um custo, é, um custo total médio de sete mil e duzentos, enquanto que a amostra teve um custo total médio de dez mil novecentos e cinqüenta, tá
- 167) A: sei
- 168) B: o senhô teve uma receita total de seis mil reais, em torno de seis mil reais de média e a categoria teve em torno de sete mil e novecentos, quase oito mil reais, tá
- 169) B: bom, o segundo gráfico é de rentabilidade caixa. agora quando a gente fala rentabilidade caixa, então a gente tá considerando a receita total caixa, então o que vem de dinheiro da venda do leite e da venda de animais, né, não considerando o leite do bezerro, nem leite do vaqueiro, tá, menos o que for custo em dinheiro também, né. Então custo em dinheiro pode sê variável, tipo, alimentação, medicamentos, é, e pode sê também custo fixo, tipo a mão de obra do vaqueiro que o senhor paga
- 170) B: então esse aqui quando a gente fala caixa, esse termo caixa significa em dinheiro, tá, então o que o senhô gastou em dinheiro, é o que o senhô ganhou em dinheiro menos o que o senhoô gastou em dinheiro. aí nesse caso, a sua média né, com uma receita total caixa de cinco mil é e duzentos, então só comparando aqui, antes o senhô tinha uma receita total caixa de quase seis mil reais, né aí ela abaixou pra cinco e duzentos, qué dizê, oitocentos reais aqui é de leite de propriedade de

vaqueiro né, média por mês né. tem um custo de caixa de quatro mil e novecentos né, antes eu tinha um custo de sete mil e duzentos, ou seja, três mil e dois mil e cem aqui né, de diferença, que é justamente de depreciação. agora já tem uma receita líquida positiva ó

171) A: esse aí é sem juros, sem depreciação

172) B: isso, sem juros, sem depreciação sobrou por mês em torno de mil e cem reais, enquanto que a média ficou em mil cento e sessenta, então o senhor tá pouco abaixo da média, né

173) B: esse aqui é percentual, é, do leite na receita caixa, né, então enquanto a média ficou com oitenta e, quase oitenta e sete por cento da receita

174) A: porque aqui no caso eles venderam mais

175) B: mais animais

176) A: eu só vendo os bezerrinho, né

177) B: pois é, então aqui no caso o senhor ficou com noventa e seis por cento da sua receita vem da venda do leite

178) A: três por cento só de receita de fora da venda do leite

179) B: vindo da venda de animais, né. enquanto a média ficou em torno de oitenta e sete por cento, ou seja, treze por cento da receita na média, né, vem da venda de animais, tá

180) B: esse terceiro gráfico aqui, aí ele vem comparando o custo total, aí quando fala custo total tá incluindo a depreciação, seguro e juro, né, e o custo caixa que é só custo em dinheiro, tá. então ele vem aqui comparando o custo total, o custo caixa e o preço que o senhor recebeu. agora nesse preço recebido aqui já tá, já tá inserido aqui a bonificação. então esse aqui já é preço com a bonificação, com os prêmios, com tudo, tá bom. então quando esse aqui ó, quando esse gráfico, veja que o gráfico de custo total, né, a linha de custo total, ela sempre teve acima da de custo caixa, né, e sempre acima do

preço recebido. não, só aqui que não, né, então por exemplo, no mês de junho, é, o preço recebido, né, foi maior do que o custo total, né, olha aí pra o senhor vê, vinte e oito centavos, o senhô recebeu e aqui, mês de julho foi vinte e sete, então o senhô tá cobrindo tudo

181) A: aqui eu já recebi vinte e sete e o custo já foi vinte e nove

182) B: é, então tá aqui abaixo ó, tá vendo, ó, tá aqui abaixo. e aqui o senhor já recebeu mais, o senhor recebeu vinte e cinco e o seu custo total ficou em dezessete centavos. excelente. tá o custo já inserido depreciação, seguro e juro, né. ficou em dezessete centavos enquanto o senhô recebeu vinte e cinco. Qué dizê, o senhô tá cobrindo tudo, o senhô tá tendo líquido em torno de oito centavos por litro de leite, tá

183) A: sei

184) B: então a maioria das fazendas sempre esse gráfico do preço recebido ele tá abaixo do custo total assim como o seu também, tá. agora é, quando a gente considera isso aí, vem aqui nesse aqui ó, de custo total é receita líquida, rentabilidade, aqui ó, aí por isso que a rentabilidade total ficou no negativo, em mil e duzentos, porque, porque a maioria dos meses o seu custo caixa tá acima do preço que o senhor recebeu, por isso que esse aqui fica negativo ó, tá

185) B: bom , agora é, considerando o preço recebido e o custo caixa, então a linha azul e a linha vermelha né, no gráfico aqui ó, então esses meses aqui onde a linha azul tá acima da linha vermelha significa que o senhor pagou pra produzi leite né, ou seja, o senhô gastou mais do que recebeu, então pode vê aqui ó, no mês de outubro, novembro, dezembro, janeiro e fevereiro, o custo caixa tá maior do que o senhor recebeu, ó, tá vendo ó, vinte centavos de custo em dinheiro e o senhor recebeu dezenove centavos

[Lado B]

- 186) B: se a linha vermelha tivé abaixo dessa linha azul, significa que o senhor tá pagando pra produzí leite né, o senhor tá gastando mais do que tá recebendo por litro
- 187) A: é, agora entra a fase de novo né, o leite vai caindo
- 188) B: ah, sim. então aqui né, entre o período das águas, agora né, que eles abaixa
- 189) A: tava vinte e oito, vinte e sete, vinte e cinco, já caiu mais, mês de outubro já vai sê, deve sê menos.
- 190) B: pois é, aí o senhô tem que controlá esse aqui, o senhor tem que controlá esse custo caixa
- 191) A: agora eu soltei o gado pra comê capim, tô dando menos ração, tô tirando um monte de coisa pra vê se equilibra, né
- 192) B: isso, é por aí mesmo. então nesses meses aqui ó, nesse período aqui de maio pra frente ó, aí o senhor já teve, o senhor já teve a sua receita líquida, a sua receita líquida caixa ela foi positiva tá Pode vê aqui ó, mês de maio pra frente ó, tá vendo, mil e pouco positivo, três mil positivo, três mil positivo, dois mil positivo, cinco mil positivo. nesses meses aqui ó, onde a linha
- 193) A: tá tudo negativo
- 194) B: é, tá tudo negativo, onde a linha azul tá acima da linha vermelhá então fica tudo negativo ó, tá vendo, menos quatro mil, menos mil, menos mil. janeiro teve um aumentinho aí né, aqui, tá. então isso aqui é feito em cima desses dados aqui, os dados que o senhô forneceu, tá. então agora de maio pra frente aqui ó o senhor tá recebendo mais do que gastando em dinheiro, tá, em dinheiro, com ressalva que em julho o senhor recebeu mais do que o senhô gastou em termos de total, em agosto o senhô quase empatou e em setembro o senhô recebeu mais do que o senhor gastou né, aí o senhô pode vê pelos números aqui ó

195) A: certo

196) B: o custo caixa foi nove centavos e o senhor recebeu vinte e cinco. o custo dezoito centavos o senhor recebeu vinte e sete. dezessete centavos senhor recebeu vinte e oito. doze centavos, vinte e cinco. dezessete, vinte e quatro, tá. ó, o período de maio pra cá, que a linha azul começou a ficá abaixo da vermelha, tá

197) B: é, aí nós temos essa outra tabela aqui é só de, nós colocamo essa tabela que é a produção de litros por dia. então o senhô teve em média setecentos e cinqüenta e sete litros por dia, considerando o período de outubro a setembro e a categoria de grandes produtores ficou em torno de oitocentos e seis litros, né, oitocentos e dez litros. então o senhor tá um pouco abaixo da média né, em termos de produção litros dia, tá. com relação à produtividade, ou seja, é quantidade é produzida é por vaca dia, então o senhor tem uma produtividade bem acima da, da, da categoria. o senhor tá com uma média de vinte, quase vinte e três litros por animal, enquanto que a categoria tem uma média de treze litros, tá. em termos de litros por hectare dia, o senhor tá bem acima da média também. o senhô tem cinqüenta litros, quase cinqüenta e um litros de leite por dia, por hectare dia, enquanto a média tá em torno de dezessete, tá

198) B: depois o senhor pega esses dados aqui aí nós deixamos aqui, que o pessoal foi pedindo tá, o pessoal pediu muito pra colocá o melhor pequeno, entregá o melhor pequeno, melhor médio e o melhor grande produtor, né. então aqui, depois o senhô pega os esses dado aqui

199) A: Pra fazê uma comparação.

200) B: comparar com o melhor grande ó tá. então vamo começá por aqui ó. vamo lá, vamo pegá só a média aqui né. esse melhor grande, não significa que ele seja o mais eficiente em torno dessas contas não, tá. esse

melhor grande foi escolhido porque ele teve uma receita líquida caixa, que é esse gráfico dois aqui ó, ele teve uma receita líquida caixa, é, maior, tá. enquanto o senhor teve mil e cem reais aqui, parece que ele teve seis mil e pouco, aqui ó. ele teve seis mil e oitocentos

201) A: ele vendeu vinte vaca. por isso que a receita caixa dele subiu

202) B: isso, ele teve muita venda de animais, né

203) A: agora ela vai caí, porque ele comprou

204) B: é

205) A: gado agora num leilão. essa semana ele foi em São Paulo e comprou, parece que vinte novilho num leilão, então aí vai entrá a despesa que a receita caixa dele vai caí

206) B: é, aquela variação de rebanho aqui ó. tá, essa variação de rebanho aqui ó, né. então olha aqui pra o senhô vê, ó, é, aqui ó, o senhô pode começá comparando aqui ó, só um exemplo. o senhor tá gastando vinte e quatro por cento do seu custo de produção foi de alimentos concentrados, ele tá conseguindo ficá em torno de vinte e dois, tá

207) A: mas ele ainda tá acima da média né, a média é dezoito

208) B: isso, ele ainda tá acima da média. é isso que eu falei, não significa que ele é o mais eficiente tá, o conjunto dele deu deu um resultado líquido caixa positivo maior

209) A: igual eles fizera(m) no concurso de leite lá, né. Tem uma série de atributo pra somá, né

210) B: isso, pra dá aquela pontuação, né

211) A: eu tava esperando sê o primeiro ou o segundo, fiquei no quinto

212) B: mas teve bom

213) A: mas eu não fiquei decepcionado não. mesmo porque o dia que eles pegara(m) os dado aqui eu não tava aqui. .

214) B: ah, sim

- 215) A: porque pela média que eu tenho, pelo tanto de hectare de pasto que eu tenho, pelo que eu faço aqui eu não podia sê o quinto. mas os que ganhou tudo foi pequenininho, produtor pequeno
- 216) B: é, foi mesmo eu tava lá
- 217) A: mas tá bom, em sete mil tirá quinto, né
- 218) B: nossa tá ótimo. então é, só um exemplo, aqui pra o senhô vê, mão de obra temporária, o seu custo teve zero dezessete por cento mão de obra temporária. já o melhor teve um e sessenta e dois. o senhô entendeu, então alguns itens, é o senhô vai tá assim
- 219) A: mais isso aí é porque eu tenho um assalariado bem maió, então eu uso pouco mão de obra
- 220) B: exatamente, aqui ó, mão de obra permanente, o senhor ficou com catorze, quase quinze por cento, ele ficou com cinco e oitenta e três por cento, né, mão de obra permanente, tá
- 221) B: despesa de comercialização o senhô não tem, né, que o senhor entrega o leite lá, aí essa despesa tá entrando aqui, por exemplo, serviço mecanizado
- 222) A: variação de rebanho também foi zero, né
- 223) B: ah, sim. é a sua variação, (vo)cê teve variação de rebanho zero, significa o que
- 224) A: a média foi treze
- 225) B: que o senhô conseguiu aumentá o rebanho, né
- 226) A: sem vendê e sem comprá
- 227) B: o senhô pode tê vendido, pode tê comprado, só que o senhô vendeu mais do que comprou, né. tipo assim, quando nós chegamos aqui o ano passado o senhô tinha dez vaca em lactação, é, vinte novilhas e dez bezerros, aí o senhô terminou o ano com tipo vinte e cinco em lactação, trinta novilhas, embora tudo o que o senhô tenha vendido o senhô terminou o

ano com rebanho positivo, né, ou seja, o senhô aumentou, o senhô aumentou capital

228) A: porque nesse tempo tudo só comprei aquelas três no leilão, não comprei mais nada, né

229) B: pois é, o senhô só comprou, comprou poucos animais que o senhô vendeu e ainda teve aquela questão de mudança de categoria. uma bezerra passou a sê novilha, a novilha passou a sê vaca

230) A: vira vaca

231) B: isso, muda tudo de categoria, né. então olha aí. enquanto ele teve em torno de doze ponto noventa e dois por cento, opa desculpa, vinte e um ponto vinte e um por cento, tá, o senhor teve variação de rebanho positiva, e ele teve uma variação, ele diminuiu o rebanho dele, que é o que o senhor falou, ó

232) A: ele vendeu vinte agora ele comprou outras vinte agora já vai aparecê no fluxo de caixa dele vai dá negativo, que ele vai tirá o dinheiro, apesar que ele vai pagá em dez pagamento, é

233) B: é, é, é. bom, o senhor pode compará também com relação à receita total, com relação à receita total ó o seu gráfico e o dele, tá. esse aqui é o melhor grande, então olha aqui, agora aqui ó, receita líquida. aqui ele tá no positivo, enquanto a média foi é dois novecentos e setenta e cinco negativo, ele ficou com seiscentos e setenta e três positivo, ou seja, é lógico que ele tem mês que ele fica no negativo, tá vendo ó, tem mês que ele fica muito no negativo, tem outros mes(es) que ele fica muito no positivo, né. então na média, de outubro a setembro ele teve seiscentos e setenta

234) A: só que é justamente aonde ele vendeu gado é que a média dele subiu barbaridade

235) B: subiu

- 236) A: de mil oitocentos e setenta e quatro negativo ele foi pra quarenta e um positivo
- 237) B: positivo, isso
- 238) A: é justamente as vinte rês que ele vendeu
- 239) B: então aqui considerando ele, ele teve
- 240) A: se ele não vende ele ia entrá num vermelho lascado
- 241) B: ele ia ficá no negativo. então aqui ele teve uma receita líquida total de seiscentos e setenta e cinco reais, né, em torno de seiscentos e setenta e cinco reais positivo, isso cobrindo depreciação, seguro e juro, né. mas aqui o senhor sabe porque né, vai da venda de animais aqui
- 242) A: é aqui foi, foi, foi lá, foi lá em cima e depois voltou bem embaixo de novo
- 243) B: isso. vô compará os outros aqui que eu acho que fica mais fácil de vê. bom, olha aqui ó, por exemplo, com, olha aí ó percentagem do leite na receita caixa. agora é caixa né, setenta e seis, setenta e sete por cento só, né, enquanto o senhor teve noventa e seis por cento só vindo do leite
- 244) A: foi justamente por causa da venda de gado, né
- 245) B: é
- 246) A: a receita dele foi maior com outro tipo de atividade, né
- 247) B: então olha aqui, receita caixa. então ele sempre teve é abaixo do custo
- 248) A: só na hora que ele vendeu o gado é que ele subiu
- 249) B: aí compensou os outros meses todos. mas ele sempre teve abaixo do custo total caixa dele. ele sempre teve abaixo. isso significa o que, agora esse ano, quando ele começá comprá animais aí essa distorção vai sê contida agora no próximo ano. quando fizé o novo balanço, né. que aí vai considerá isso aqui tudo e aí talvez ele não seja o

- 250) A: que ele vai pagá em dez mas aí quando fô fazê o balanço ele já acabou de pagá
- 251) B: é, aí talvez ele não se enquadre novamente como melhor grande produtor, tá, essa fazenda. porque ele, se fô compará esse gráfico com o do senhor aqui ó, em termos de rentabilidade caixa, ele sempre teve abaixo da linha azul que é de custo total caixa, sempre, só o mês de agosto que não ó, enquanto que o senhor teve aqui ó, esse mês o senhor teve melhor, esse mês aqui o senhor teve melhor, né. agora vamo compará então em termos de, aqui ó, vamo compará a dele com a do senhô aqui, bom, em termos de, de, de preço recebido e custo caixa, né. bom, com relação a preço recebido ó, mês de junho pra frente ele tá mais no, bem mais acima. o senhô já começa em maio ó, né. o senhô já começou em maio. só que ele teve aqui, dezembro, janeiro e fevereiro também acima, né, abril acima e o senhor não teve, né, só teve em março
- 252) A: a região que é lá o preço é outro né, lá tem aquela concorrência lá da paulista que faz o preço ficá lá em cima, lá nas altura
- 253) B: é, aí o senhor pode compará, né, por exemplo ó, naquela região o preço em outubro foi vinte e dois, enquanto aqui foi vinte e três. depois foi vinte, aqui foi vinte e um. lá foi dezoito, aqui foi vinte. vinte agora aqui o senhor já tá recebendo menos que lá na região ó, aí lá foi vinte e três aqui foi vinte
- 254) A: mas daqui pra frente ó o tanto que subiu o dele trinta, trinta, trinta, trinta
- 255) B: vinte e quatro é, exatamente
- 256) A: eu nunca passei um mês a vinte e oito
- 257) B: o senhô teve a vinte e quatro, lá foi vinte e quatro aqui foi vinte e um, então o senhor pode compará ó, vinte e quatro lá, dezoito aqui, qué dizê que lá o preço é melhor, então

- 258) A: lá, a melhor região do estado é naquela região lá
- 259) B: por isso que ele tem um resultado líquido positivo em mais meses, né, o mês que o senhor teve vinte e oito, que foi o melhor mês, ele teve a trinta, né, vinte e sete ele teve a trinta e vinte e cinco ele teve a trinta né. Qué vê ó, só comparando agora ó, a produtividade é dele e a sua tá
- 260) A: a minha mais ele ficou de cinco décimo de diferença
- 261) B: isso, né é quinhentos ml
- 262) A: e ficou um uma rés por hectare de diferença pra ele
- 263) B: é ficou um vírgula nove por cento
- 264) A: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX cinqüenta vírgula nove, cinqüenta vírgula cinco
- 265) B: cinqüenta vírgula nove litros, né, só que a a produção dele é bem mais alta né
- 266) A: deu dezessete na média, né. ele tem bem mais, né
- 267) B: isso. é mil e quinhentos, né
- 268) B: o senhô entendeu esses gráficos? não tão complicados não?
- 269) A: guardá eles bem guardadin(hos) pra nós fazê comparação o ano que vem, né
- 270) B: isso. esse aqui tá, eu deixei como curiosidade, aqui também tem o melhor pequeno, o melhor médio, pra o senhor vê como é que tá, como é que tá a situação do leite, tá
- 271) A: certo
- 272) B: porque aqui nessa, aqui dentro o senhor tem, é o senhor tem a média geral, né, a média geral, tá com os gráficos, tá aqui dentro. então aqui o senhor tem a média geral, então aqui é o seguinte, essa é a média geral de todas as propriedades, agora essa aqui não é um mecanismo muito bom do senhor compará os seus dados com aqui não, porque aqui pega pequeno, médio e grande produtor, então pega, aqui dá muitas distorções, tá, os dados, então é melhor compará o seu com a

categoria e com o melhor, tá. então o senhor tem aqui na pasta agora o senhor vai tê a média geral, a sua média, né, que tá aqui, né, melhor pequeno, melhor médio e melhor grande, tá. Vou deixá tudo aí. aí qualqué dúvida que o senhor tivé de de de análise, de quê que significa o dado, né, ou o senhô pode ligá pra solucioná ou o mês que vem quando vié o senhor pode perguntá ou pode utilizá essa ficha aqui, aqui eu deixei outra ficha de controle de rebanho, tá, pode utilizá essa ficha, escrevê e passá um fax, tá

273) A: essa ficha é pra fazê do rebanho mês que vem?

274) B: isso, mês que vem. o que que o senhô achou da reunião?

275) A: ah, foi boa. essa foi bem melhor que aquela da outra vez né?

276) B: da primeira, né

277) A: é, a primeira não teve resultado nenhum, agora essa não, essa esclareceu tudo, né. também já era, já tinha mais base também né, já era um negócio mais concreto. a primeira eu ainda tava começando, não tinha noção ainda, nem do que, do que era a realidade né, agora já um ano já é mais, tanto que eles tão querendo passá pra três ano pra dá uma média mais compacta, né

278) B: isso, melhorá, né. prontinho, tem jeito do senhor mostrá a fazenda pra gente? Dá uma andada na fazenda, pra conhecê as instalações, essas coisa

279) A: toma um café, depois nós vamo andá

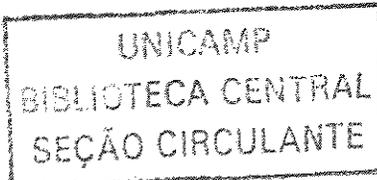
280) A: (vo)cê pegou aquela lá então do gado?

281) B: peguei

282) A: pegou né. qué dizê que eu tenho só que preenchê essa aqui e passá o fax

283) B: isso. Esse, essas fichas aqui ó, tá vendo, essas fichas aqui ó o senhô pode, acho que o senhô pode jogá elas todas fora, tá

284) A: tá certo



285) B: porque esse custo aqui tá todo lá naquelas planilhas, tá. só essas aqui, essas aí o senhor pode guardá, que essas aqui ó, esse outro aqui tem o valor absoluto, né, que é, por exemplo, seiscentos reais em volumoso, né e um valor é relativo, tá, só que essa essa estrutura aqui tá um pouco diferente. que aqui ele tá considerando esses percentuais aqui, e tá considerando só o custo variável e custo fixo. já essa que eu trouxe, que o senhor pegou na apresentação, ela tá considerando os percentuais em cima de tudo, despesa, em cima de tudo, então a outra tá melhor, tá melhor um pouco

286) A: a Amelinha não veio aí hoje não, Maria?

287) F: Vei(o) não

Diálogo incompreensível entre B e D, na ausência de A, que volta em seguida:

288) A: a menina não come, não bebe, não fala, né

289) B: custosa, viu, ela é custosa

290) A: diz que mulher fala demais né, essas duas aí, de repente, até agora, eu não conheço nem

291) B: essa aqui só grava, aquela ali grava e aquela ali ela só

292) A: não conheço, nem a voz dela não vi que jeito que é

293) B: é só dentro do carro que ela fala, aí fica criticando, tirou o dia hoje pra implicá comigo

294) A: é, pegou no seu pé

295) B: ih, mas ela tá assustada ainda, que nós chegamo lá no Zé Eduardo eu passei um susto nela lá, que tinha um cachorro eu saí correndo e ela ó, então ela ainda tá assustada

296) A: pelo menos aqui (v)ocê pode vir tranqüila que não tem nenhum cachorro. até faz falta, mas eu não gosto não. cachorro dana a latí, a hora que (vo)cê tá sem paciência o cachorro tá latindo. eu arrumei um cachorro aqui, um policial, ele só latia a hora que chegava gente de casa, a

hora que chegava gente de fora ele ficava quieto, me dava uma raiva desse cachorro

297) B: mas às vezes ele era traiçoeiro, ele não latia mas mordía. o senhor plantou o pivô lá já?

298) A: já. lá tá com milho de pamonha, tô tirando agora, né

299) B: é, tá vendendo pra quem?

300) A: é pra um pamonheiro lá de Goiânia que eu vendo todo ano um

301) B: tá vendendo a mão ou o quilo?

302) A: é tonelada

303) B: quanto tá a tonelada?

304) A: tá cento e trinta. é o melhor preço que eu já peguei em milho até hoje, só que a lagarta comeu o milho quase tudo, né o milho tá pouco

305) B: é, mas a espiga ficou boa?

306) A: com pouca coisa. se sobrá de pagá o banco é, é pra dá uma vantagem de mil tonelada, deve dá entre trezentos, trezentos e cinqüenta tonelada. eu nunca tinha visto aqui aquela lagarta de rosca que come o pé do milho

307) B: ah, tá, já vi

308) A: você vai lá o pé tá tombado, lá (vo)cê puxa tem uma lagartinha lá no pé. e veneno não mata porque ela fica funda, (vo)cê joga o veneno e ele não penetra

309) C: fica escondida ela

310) A: eu plantei uma população de cinco pé por metro, colhi com um pé, um pé e meio por metro

311) B: uhm hum

312) A: gora tem as duas parte de baixo, uma eu até arei, e plantei arroz, agora duas parte de baixo tá melhor, tá a população tá maior que eu pus Furadan, na parte de cima fiz com aquele tal de Promete, aquele só prometeu raiva, viu

- 313) B: mas Zé Bentim, tá em torno de três e vinte e cinco a mão vai saindo,  
né
- 314) A: é o preço tá bom
- 315) B: tá bom
- 316) A: se eu tivesse colhido as mil tonelada
- 317) B: tava tudo beleza
- 318) A: esse ano não foi meu ano, né. ano que o feijão deu preço eu não  
plantei feijão. plantei feijão vinte e seis ano e no ano de eu ganhá  
dinheiro com feijão eu não plantei, fiquei com raiva demais, porque o  
ano passado eu vendi feijão por vinte e seis, né
- 319) B: pois é, esse ano deu cento e trinta reais, né
- 320) C: café também subiu pra caramba agora, né
- 321) A: agora os menino também tá trazendo feijão lá de Aragoiânia pra cá  
porque não tá tendo negócio. é trazê pra cá pra vê se vende pra  
semente, lá já vendeu por quarenta conto. (vo)cê qué í lá vê as  
instalação?
- 322) B: Vamo, vamo

**ANEXO 2 – *Corpus* para teste de produção e percepção da aplicação de processos fonológicos em casos de sândi vocálico externo**

***CORPUS EXPERIMENTAL*****Sentenças para teste de pronúncia:**

A oração fortalecia os fiéis.

Na universidade todos se encontravam.

Da ovelha só ficou a lã.

Viviam felizes na humildade daquele lar.

Ela gostava da universidade que escolheu.

Maria fez a oração como de costume.

Havia muita sinceridade na oração.

Ele não respeitava a humildade.

João precisava da universidade.

Maria gostava da amiga.

A tartaruga estava na areia.

Pedro comeu a alface.

Da antena saía um som muito estranho.

Na aldeia todos faziam suas tarefas.

A admiração pelo amigo crescia a cada dia.

João falava muito da aldeia.

O leão estava na arena.

Pedro queria matar a aranha.

**Seqüências para teste de percepção**

essa humildade /,ɛsumiw'dade/

essa ovelha /,ɛso'veʎa/ Bisol (2000: 329)

uma oração /umora'sãw/

ela é bonita /ɛ,lɛbo'nita/

pela universidade /,peluni,versi'dade/

**ANEXO 3 – Exemplo de espectrograma utilizado para definir a ocorrência da Degeminação nos *corpora* do PE**

File Edit Query View Select Search Interval Point/Boundary Tier Help

0.475951 (2.101 / s)

0.1717  
0  
-0.1361  
5000 Hz  
0 Hz

e l i t a a d

Window 0.475951 seconds

0.640456 0.902786

Total duration 2.019093 seconds

all in out sel Group

Iniciar Praat objects Praat picture TextGrid text... Documento1... 13:51